

cinemateca
JANEIRO 2024

50
ANOS

25
ABRIL

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

REVOLUÇÃO
LIBERDADE
COMUNIDADE
FUTURO

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
FERNANDO MATOS SILVA: O CINEMA A FAZER A REALIDADE

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

Este ano celebram-se os cinquenta anos do 25 de Abril e a Cinemateca Júnior junta-se à festa no primeiro mês deste ano histórico com filmes onde o valor da liberdade está muito presente: crianças muito livres, mesmo em tempos cinzentos e ordeiros e um adulto deliciosamente infantil. A primeira criança endiabrada será O MENINO NICOLAU, um herói da literatura infantil francesa que em 2009, nos cinquenta anos da personagem, pula para o grande ecrã e ganha corpo para deliciar o público e infernizar pais e amigos. A criança grande do mês é o nosso fiel amigo Buster Keaton no filme AS SETE OCASIÕES DE PAMPLINAS, aquele onde acontece uma das mais espetaculares perseguições da História do cinema, seguramente a mais cómica e fisicamente arriscada. Quem mais poderia fugir de centenas de noivas e pelo meio provocar um deslizamento de rochas gigantes? Esta sessão de puro burlesco será acompanhada ao piano por Catherine Morisseau. As crianças que se seguem são suecas e fazem coisas que não lembram ao diabo. São HUGO E JOSEFINA e vão deixar saudades. Vivem numa aldeia e têm muitas coisas para explorar na floresta, de longe mais interessantes do que aquelas que acontecem nos bancos da escola. Também pouco fãs da escola (“Eu cá, se fosse muito rico, até comprava a escola. – Para quê? – Para a mandar fechar (...),” fala do Pistarim) são as crianças do grande clássico do cinema português, ANIKI BÓBÓ. Embora se movam na cidade com muito maior liberdade do que qualquer miúdo ou adulto nos dias de hoje, o tema da liberdade é aqui balanceado com outros assuntos “sérios”: trata-se de um triângulo amoroso com crime, castigo e redenção. Este filme é um ótimo ponto de partida para pensar no que significa pertencer a uma comunidade, partilhar valores e regras de convivência, pensar no natural conflito entre a *liberdade* do eu e a *norma* dos outros, no que é ser bem-comportado e transgredir. Obedecer será sempre bom e transgredir sempre mau? Este gatilho para a conversa será mesmo aquele que vos vamos propor na oficina O QUE FAZ UMA COMUNIDADE? Vamos ser polícias e ladrões, disparar pensamentos para nos entendermos melhor e colocar cravos nas nossas espingardas.



ANIKI BÓBÓ

▶ Sábado [06] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE PETIT NICOLAS

O Menino Nicolau

de Laurent Tirard

com Maxime Godart, Vincent Claude, Charles Vaillant

França, 2009 – 91 min / legendado em português | M/6

“Le Petit Nicolas” é uma personagem da literatura infantil e juvenil francesa, inicialmente criado para banda desenhada, pela pena do famoso René Goscinny, pai do Astérix, e ilustrado por Jean-Jacques Sempé. Nesta adaptação ao cinema, o menino Nicolau é filho único e vive bem com isso, mas tudo muda quando se convence que vem um irmão bebé a caminho. Os pais irão abandoná-lo e dedicar toda a atenção a esse estranho? A exibir em cópia digital.

▶ Sábado [13] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SEVEN CHANCES

As Sete Ocasões de Pamplinas

de Buster Keaton

com Buster Keaton, James Shannon, Ruth Dwyer, Mary Jones

Estados Unidos, 1925 – 56 min / mudo, intertítulos em inglês
legendados eletronicamente em português | M/6

SESSÃO ACOMPANHADA AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Nesta obra-prima Buster Keaton eleva um dos temas narrativos centrais do cinema burlesco, a perseguição e fuga, à altura da grande arte quando filma a sua personagem em corrida com centenas de mulheres no seu encaço em resposta a um anúncio de urgência matrimonial; ou quando filma a avalanche de pedras perto do desfecho. A narrativa gira em torno do putativo herdeiro de uma fortuna que, para poder recebê-la, tem de casar-se antes das sete horas da tarde desse próprio dia do seu 27º aniversário. Às proezas acrobatas e mímicas de Keaton-ator soma-se o génio experimental da linguagem cinematográfica ensaiada no

interior do sistema de Hollywood em que Keaton-realizador foi pródigo. SEVEN CHANCES, que originalmente começava com um prólogo em Technicolor de duas bandas, e tem cenas de antologia, é um tratado da arte visual do humor. A exibir em cópia digital.

▶ Sábado [20] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HUGO OCHT JOSEFIN

“Hugo e Josefina”

de Kjell Grede

com Frederik Becklén, Marie Öhman, Beppe Wolgers

Suécia, 1967 – 82 min / legendado eletronicamente em português | M/6
(aconselhado a partir dos 8 anos)

Josefina é uma menina solitária que foi viver recentemente para uma aldeia onde o pai, pastor protestante, foi colocado. Ela não tem amigos até encontrar Hugo, um rapaz livre, quase selvagem que prefere explorar a floresta a sentar-se nos bancos da escola. Juntos e com um jardineiro cúmplice vão fazer trinta por uma linha.

▶ Sábado [27] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANIKI BÓBÓ

de Manoel de Oliveira

com Nascimento Fernandes, Fernanda Matos,

Horácio Silva, António Santos

Portugal, 1942 – 71 min | M/6

A primeira longa-metragem de Manoel de Oliveira adapta livremente o conto de Rodrigues de Freitas, *Meninos Milionários*, propondo uma incursão poética na realidade ribeirinha pobre do Porto e de Gaia, filmada *in loco* e em estúdio (na lisboeta Tobis), e interpretada, na sua maioria, por não atores. O título invoca o jogo infantil que divide «polícias» e «ladrões» na sequência noturna das brincadeiras dos miúdos, que a história agrupa à volta de

Carlitos e Eduardito, rivais pela atenção de Teresinha. Há uma Loja das Tentações, onde se vende de tudo, incluindo rebuçados e uma boneca parecida com a menina. Embora o universo seja “infantil”, os temas são “adultos”, na primeira abordagem de Oliveira à paixão, ao desejo, ao ciúme, elementos essenciais do seu imaginário futuro, na mesma paisagem da sua obra de estreia (DOURO, FAINA FLUVIAL, 1931). Após a projeção, seguir-se-á uma conversa sobre a ideia de comunidade a partir do visionamento e jogos de análise de excertos do filme.

Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera mais acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

OFICINA

▶ Sábado [27] 11h00 | Sala de leitura da Biblioteca

O QUE FAZ UMA COMUNIDADE?

Conceção e orientação: Ana Eliseu

Duração: 2 horas

Crianças dos 6 aos 10

Preço: 4,00€ por criança

Marcação prévia para cinemateca.junior@cinemateca.pt até 19 de janeiro

O que faz uma comunidade? A partir de um excerto de ANIKI BÓBÓ de Manoel de Oliveira, vamos pensar o que nos define, o que para nós é importante partilhar com o outro, e tentar descobrir o caminho que podemos traçar do eu ao nós. Para isso vamos fazer perguntas, desenhos e tirar fotografias.

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?	03
LIBERDADE	03
REVOLUÇÃO	05
COMUNIDADE	07
FUTURO	09
FERNANDO MATOS SILVA: O CINEMA A FAZER A REALIDADE	13
CARTA BRANCA A FERNANDO MATOS SILVA	16
CINEMA CEM ANOS DE JUVENTUDE	17
PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA	17
ANTE-ESTREIAS	18
COM A LINHA DE SOMBRA	18
INADJECTIVÁVEL	18
CALENDÁRIO	19

CAPA

Ilustração Nuno Rodrigues

AGRADECIMENTOS

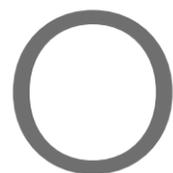
Fernando Matos Silva, Constantino Martins, João Matos Silva, Júlio Alves, Pedro Florêncio, Vicente Alves do Ó, Rod Rhule (British Film Institute), Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna), Clara Giruzzi (Hungarian Film Archive), Marisa Capa (ICAA. Instituto de la Cinematografía y de las Artes Audiovisuales – Madrid), Luciano Castillo Rodríguez (ICAIC – Havana), Jin Eric Choi (Korean Film Archive), Hugo Aragão Lopes (RTP), Todd Wiener, Steven Hill (UCLA), Stanisław Bardadin (WFDIFL – Varsóvia), Luísa Veloso, Tenente-Coronel Carlos Prada, Maria João Marques Pires, Sabrina D. Marques, Raquel Rato.



50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO

Meio século decorrido sobre o ano de todas as nossas esperanças, a Cinemateca não poderia deixar de evocar a efeméride, e, mais do que isso, tudo o que, num sentido mais lato, um intervalo temporal como este nos sugere hoje no território do cinema. Em anteriores aniversários redondos dessa data (logo nos 10 anos em 1984, nos 25 anos em 1999 e nos 40 anos em 2014), organizámos nestas salas ciclos e outras iniciativas em torno do “cinema de Abril” ou daquele em que há ecos desse período. Desta vez, para além de voltarmos às imagens geradas nesse momento refundador da nossa vida coletiva, e de projetar outras em que, posteriormente e até hoje, continuam a ressoar as causas e os efeitos de tal momento – essas, a exhibir sobretudo em ocasiões mais próximas da efeméride, em abril de 2024 – considerámos que era de facto a altura de ir mais longe e de fazer com que um ano inteiro de programação fosse contaminado pelo tema, a níveis e de formas muito diferentes, muito para além da abordagem direta dessa *nossa* história. Pensando no espírito e nos valores do *big bang* com que o 25 de Abril despertou o país após uma tão longa ditadura, o desafio que a nós próprios lançámos foi então o de intercalar, ao longo dos doze meses do ano, múltiplas iniciativas com isso livremente associadas, tomando como terreno de base toda a História do cinema, as quais por sua vez dialogarão, de modo mais ou menos direto, com os restantes ciclos estruturantes de 2024. Desta vez, Abril não será assim objeto de “uma” comemoração, mas ponto de partida para boa parte da programação do ano, em várias frentes, algumas com incidência mais pontual, outras estendendo-se de janeiro a dezembro. E, quanto a estas últimas (as que vão correr o ano), reunimo-las num vasto programa, que se quer uma vasta interrogação, para a qual tomámos de empréstimo para título – porque de homenagem se trata também – a interrogação de João César Monteiro em 1975 “Que farei eu com esta espada?” A arrancar logo em janeiro com exemplificação robusta, este é portanto, não um Ciclo, mas um conjunto de ciclos que abordarão outros tantos eixos temáticos que irão cruzar toda a nossa programação “abrilista” até final do ano, a saber, *Revolução, Liberdade, Comunidade e Futuro*. Com eles (a seguir apresentados individualmente com maior detalhe) serão depois articuladas as outras frentes da comemoração, e com eles, insiste-se, serão ainda articulados alguns dos restantes programas de 2024 com que haverá mais próximo diálogo de programação – e de que é exemplo flagrante, aliás, já este mês, a retrospectiva dedicada à obra de Fernando Matos Silva. Que faremos nós com esta memória coletiva? Programar é projetar para o presente. São perguntas, o que agora começa.

LIBERDADE



Onde está a liberdade? (Rossellini) A nós a liberdade. (René Clair). Fantasmas da liberdade. (Buñuel) Liberdade. (McCarey) Liberdade e pátria. (Godard-Miéville) Caminhos da liberdade. (Cinequipa) O trabalho liberta? (Pêra) Os títulos citados em trocadilho permitem aferir, não restringindo, a amplitude do tópico como eixo de programação de cinema. Liberdade. Em data comemorativa da alegria do povo português na madrugada esperada que Sophia descreveu como *O dia inicial inteiro e limpo / Em que emergimos da noite e do silêncio / E vivos habitamos a substância do tempo*. Do escuro e do chumbo: a travessia de quarenta e oito anos, faz agora cinquenta, feitos de ditadura, censura, anestesia, letargia,

implosão, a que muitos foram resistindo com vitalidade criativa, terminou no espaço público, numa festa de energia partilhada com o branco e o vermelho dos cravos a colorirem os canos das armas dos jovens militares, as mãos civis. A imagem da liberdade portuguesa no século XX – a flor solitária do craveiro com pétalas recortadas – fincou-se no imaginário coletivo.

A *poesia está na rua*, ficou ainda de Sophia, que soletrou a frase para o desfile do primeiro 1º de Maio em liberdade, antes que fosse impressa no cartaz pintado por Vieira da Silva como imagem da festa do 25 de Abril de 1974. Também ficámos com palavras-canção: a senha de *Grândola Vila Morena* de Zeca Afonso com os arranjos – e os passos na gravilha – das “Cantigas do Maio” por José Mário Branco (1971); sempre as da síntese de Sérgio Godinho que continuam a ressoar, *Liberdade: A paz, o pão habitação saúde, educação. Só há liberdade a sério quando houver. Liberdade de mudar e decidir quando pertencer ao povo o que o povo produzir*. (“À Queima Roupas”, 1974) Escritores de canções crescidos em democracia tomam o rastilho. Por exemplo, assim, *A Garota Não: Liberdade, querida Liberdade O nosso chão tem sonhos e vontade*. (Canção a Zé Mário Branco. “2 de Abril”, 2022)

Os filmes [...] libertam a cabeça. (Fassbinder) Neste programa “em fascículos” ao longo de 2024, os filmes trazem ideias de liberdade e a liberdade na espinha dorsal, personagens profundamente livres criadas em profunda liberdade de espírito. Fundamentalmente estruturado à volta de dois núcleos, o eixo Liberdade junta filmes que 1) fazem prova de resistência à privação de liberdade, se encontram em fuga ou na fuga a todas as clausuras; que 2) configuram gestos de liberdade no que constroem ou no como se constroem. O chão comum é largo mas não pantanoso. Não entrarão aqui as censuras, até porque, a seu tempo, a censura será assunto da programação de 2024. Já a resistência está nos planos e nos entre-planos. O mapa é a desenhar: entram pioneiros, vanguardas, clássicos e modernos, filmes indomados, indomáveis. Um beijo filmado, um primeiro *travelling*, um plano em rodopio, filmes construídos em vertigem, fugas a perseguições, escolher a evasão, escolher ficar. Filmes de Hollywood, cinema europeu ou asiático, iraniano e português compreendidos, bem-entendido. Buster Keaton em corrida veloz à frente de uma chusma de noivas, Boudu-Michel Simon-Jean Renoir, W.C. Fields e outros dignos protagonistas olímpicos do não politicamente correto. João de Deus- João César Monteiro enviado por Lívio-Luís Miguel Cintra no final das RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA para ir “dar-lhes trabalho”, profere noutro filme, numa cena de coreografia na cela em que cumpre pena injusta, uma máxima imbatível: “Do cadáver de um homem livre pode sair acentuado mau cheiro, nunca sairá um escravo.” Uma outra vez João César Monteiro preferiu o negro por fidelidade (BRANCA DE NEVE); Manoel de Oliveira filmou uma obra que manteve inédita para a posteridade até ao desprendimento terreno (VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES); António Campos filmou, em ditadura, um poema-distopia (A INVENÇÃO DO AMOR). São três gestos de liberdade, a tomar como exemplos de títulos a vir. Como outros, do catálogo Lumière, de Germaine Dulac, Maya Deren, Jean Epstein, John Ford, Nicholas Ray, Billy Wilder, Robert Bresson, Jacques Becker, Zoltán Fábri, Otar Iosseliani, Don Siegel, John Carpenter, Jean-Luc Godard, Jerzy Skolimowski, Amir Naderi, Jafar Panahi, Panah Panahi. Continua.

▶ Quarta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

AS ARMAS E O POVO

de colectivo de Trabalhadores da Actividade Cinematográfica

Portugal, 1974-1977 – 80 min | M/12

AS ARMAS E O POVO é o mais célebre filme da revolução portuguesa. Composto por material filmado durante a semana que mediou o 25 de Abril e o 1º de Maio de 1974, junta as grandes movimentações de massas aos discursos de Mário Soares e Álvaro Cunhal e a libertação dos presos políticos às entrevistas de rua conduzidas pelo cineasta brasileiro Glauber Rocha. Assinado pelo Colectivo de Trabalhadores da Actividade Cinematográfica, é um documento histórico inestimável, a partir de imagens captadas a quente por vários técnicos e realizadores portugueses, tendo a montagem ficado a cargo de Fernando Matos Silva e Monique Rutler, com trabalho de som de Alexandre Gonçalves. Obra incontornável do cinema militante europeu, é também um manifesto sobre a relação entre cinema e política, não apenas como mero difusor dos acontecimentos, mas sobretudo como participante ativo do ato revolucionário. Resultado de assinatura alargada entre a comunidade do cinema português da época e mostrando uma comunidade em processo revolucionário, *AS ARMAS E O POVO* é um título programado no eixo Liberdade mas um título no qual confluem os demais eixos e que dialoga diretamente com a retrospectiva “Fernando Matos Silva – O Cinema a Fazer a Realidade”.

- ▶ Sexta-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE FATAL GLASS OF BEER

de Clyde Bruckman
com W.C. Fields, Rosemary Thiby, George Chandler
Estados Unidos, 1933 – 19 min
legendado eletronicamente em português

BOUDU SAUVÉ DES EAUX

Boudu Querido
de Jean Renoir
com Michel Simon, Charles Granval,
Marcelle Hainia, Séverine Lerczsinka
França, 1933 – 85 min / legendado em português
duração total da projeção: 104 min | M/12

THE FATAL GLASS OF BEER é uma genial paródia ao “regresso do filho pródigo” ambientada numa das regiões mais inospitadamente geladas do noroeste americano. A produção de duas bobinas pré-Código de Mack Sennett é protagonizada pelo genial W.C. Fields, que se tornou popular, no cinema, pela “incorreção política” das personagens com queda para o álcool e aversão por crianças e cães. Em BOUDU SAUVÉ DES EAUX o protagonista é Michel Simon, no papel do vagabundo parisiense que se atira ao Sena e é salvo por um livreiro que tenta a sua conciliação com a vida em sociedade. Realizado quase trinta anos antes da Nouvelle Vague, por Jean Renoir, cineasta de génio e liberdade, BOUDU talvez seja um dos seus mais legítimos predecessores: prodigiosamente inventivo, deliciosamente “anarca”, um filme que está olímpicamente nas tintas para a “correção” técnica, efusivamente provocador. Ou seja, e decididamente, da mesma cepa.

- ▶ Sábado [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

UN CONDAMNÉ À MORT S'EST ECHAPPÉ

Fugiu Um Condenado à Morte
de Robert Bresson
com François Leterrier, Roland Monod, Jacques Etaud
França, 1956 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Subintitulada “O vento sopra onde quer”, citação do Evangelho Segundo S. João, a quarta longa-metragem de Bresson baseia-se num facto real: a evasão de um homem, em 1943, de um forte de onde teoricamente qualquer fuga era impossível. Bresson aplica de modo ainda mais estrito os austeros princípios de realização do seu filme anterior, JOURNAL D'UN CURÉ DE CAMPAGNE: despojamento da imagem, escolha de atores não profissionais, cenários reduzidos, ausência de música de cinema (só a *Grande Missa* de Mozart), oposição entre monólogo e diálogo. Um extraordinário filme sobre a coragem, que também é um filme sobre o mistério da Graça. Por esta altura, já Bresson elegera o termo cinematógrafo – “é pelo cinematógrafo que reviverá a arte que o cinema está a querer matar”. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE TROU

de Jacques Becker
com Michel Constantin, Jean Kéraudy,
Raymond Meunier, Marc Michel, Catherine Spaak
França, 1960 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O último filme de Jacques Becker é uma das obras-primas do moderno cinema francês. De uma austeridade total, de onde está ausente qualquer efeito supérfluo, LE TROU é um filme “negro” sobre um grupo de prisioneiros que prepara uma evasão que estará condenada ao fracasso por causa de um denunciante. Sobre ele disse Melville: “Considero este filme – e peso as palavras com toda a atenção – o maior filme francês de todos os tempos.” “Como diz um dos personagens do filme: ‘C’est ça qui va nous sauver. C’est le bruit’. E o que os perdeu foi o silêncio, esse silêncio absoluto que se segue à traição, antes da melodia ao piano nos fazer pensar em que acordes se pode sustentar esta comunicação subterrânea” (JBC). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

COEUR FIDÈLE

de Jean Epstein
com Léon Mathot, Gina Manès, Edmon van Daële
França, 1923 – 85 min / mudo, intertítulos em francês
legendados eletronicamente em português | M/12

Ligado ao documentário e à vanguarda dos anos 1920, autor de brilhantes textos teóricos, Jean Epstein (1897–1953) foi uma das personalidades mais singulares e talentosas da sua geração no cinema francês. COEUR FIDÈLE, é uma das suas obras-primas. A trama narrativa mostra a rivalidade, nos meios populares de Marselha, entre um honesto trabalhador e um *mauvais garçon*, interessados na mesma mulher. A montagem, o sentido do ritmo cinematográfico, faz deste filme um dos pontos culminantes do que à época se chamou o impressionismo no cinema, a capacidade de narrar de forma oblíqua, num verdadeiro contraponto de imagens. “As suas imagens estavam como que em relevo [...] a ponto de, nas salas, os espectadores serem tomados fisicamente pela vertigem ao verem o turbilhão do carrossel.” (Henri Langlois) A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

KÖRHINTA

“Carrossel”
de Zoltán Fábri
com Mari Töröcsik, Imre Soós, Ádám Szirtes,
Béla Barsi, Manyi Kiss
Hungria, 1956 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

KÖRHINTA (a partir de um conto de Imre Sarkadi; apresentado em Cannes, em 1956) é um clássico do cinema húngaro, um filme ambientado na Hungria rural onde dois jovens, socialmente afastados, se apaixonam sem o consentimento familiar vivendo uma história de amor que se relaciona com escolhas decorrentes da tradição e da política. Um drama romântico em que a ideia de comunidade ocupa um lugar central, e que faz rimar amor e liberdade. Um manifesto da classe operária com a inspiração shakespeariana de *Romeu e Julieta*, também se pode dizer assim. A cena dos dois jovens embarcados no carrossel, juntamente com a câmara, é uma cena de antologia. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

- ▶ Sábado [13] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro | Cinemateca Júnior

SEVEN CHANCES

As Sete Ocasões de Pamplinas
de Buster Keaton
com Buster Keaton, James Shannon,
Ruth Dwyer, Mary Jones
Estados Unidos, 1925 – 56 min / mudo, intertítulos em inglês, legendado eletronicamente em português | M/6

ACOMPANHADO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Nesta obra-prima Buster Keaton eleva um dos temas narrativos centrais do cinema burlesco, a perseguição e fuga, à altura da grande arte quando filma a sua personagem em corrida com centenas de mulheres no seu encaço em resposta a um anúncio de urgência matrimonial; ou quando filma a avalanche de pedras perto do desfecho. A narrativa gira em torno do putativo herdeiro de uma fortuna que, para poder recebê-la, tem de casar-se antes das sete horas da tarde desse próprio dia do seu 27º aniversário. Às proezas acrobata e mímica de Keaton-ator soma-se o génio experimental da linguagem cinematográfica ensaiada no interior do sistema de Hollywood em que Keaton-realizador foi pródigo. SEVEN CHANCES, que originalmente começava com um prólogo em Technicolor de duas bandas, e tem cenas de antologia, é um tratado da arte visual do humor. A exhibir em cópia digital. O filme está programado numa sessão Cinemateca Júnior – Sábados em Família.

- ▶ Segunda-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FILM SOCIALISME

Filme Socialismo
de Jean-Luc Godard
com Catherine Tenvier, Christian Sinnier,
Jean-Marc Stehlé, Robert Maloubier, Patti Smith
França, Suíça, 2010 – 102 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Apresentando-se como um ensaio em três movimentos (um cruzeiro pelo Mediterrâneo e os seus viajantes; um conflito familiar algures na província francesa; uma reflexão sobre a Europa e o mundo contemporâneo), FILME SOCIALISME é um dos grandes filmes do século XXI. Godardiano até à medula, compõe-se de sobreposições de imagens e sons, citações, aforismos, entre os quais o de que “quando a lei é injusta, a justiça passa antes da lei”. O último plano, a negro, inscreve uma conhecida expressão, “No comment”. A liberdade, que custa caro tal e qual se lê no cartaz, saúda-se.

- ▶ Quarta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THÈMES ET VARIATIONS

de Germaine Dulac
com Ève Francis, Sylvio de Pedrelli,
Jacques Volnys, Suzanne Parisys
França, 1928 – 8 min / mudo, sem intertítulos

LA COQUILLE ET LE CLERGYMAN

de Germaine Dulac
com Alex Allin, Génica Athanasiou, Lucien Bataille
França, 1927 – 40 min / mudo, sem intertítulos

UN CHIEN ANDALOU

de Luis Buñuel e Salvador Dalí
com Pierre Batcheff, Simone Mareuil, Salvador Dalí,
Jaume Miravittles, Luis Buñuel, Fano Messan
França, 1929 – 21 min / mudo, intertítulos em francês
legendados em português
duração total da projeção: 69 min | M/12

THÈMES ET VARIATIONS é um dos pouco conhecidos e muito surpreendentes filmes da vanguardista francesa Germaine Dulac – “Evoco uma bailarina! Uma mulher? Não. Uma linha saltitante de ritmos harmoniosos! Evoco uma projeção luminosa velada! Matéria precisa! Não. Ritmos fluidos. Porquê desconsiderar, no ecrã, o prazer que o movimento nos dá no teatro? Harmonia de linhas. Harmonia de luz. Linhas, superfícies, volumes [...] cinema integral” (Dulac). No alinhamento da sessão, o segundo filme de Germaine Dulac tem argumento de Antonin Artaud, uma história de desentendimento entre os dois e a da ferocidade levantada na histórica estreia contra a realizadora, em 1928, no Studio des Ursulines. Hoje Dulac é descrita como uma feminista pioneira das vanguardas dos anos 1920 e LA COQUILLE ET LE CLERGYMAN (o seu filme mais célebre a par de LA SOURIANTE MADAME BEUDET, de 1923) é tido como o primeiro filme surrealista da História do cinema, um estudo sobre o ritmo que também é comum aparentar ao lirismo, ao impressionismo ou à influência do simbolismo. É um belo filme de um experimentalismo estonteante, decerto uma incursão precursora no subconsciente humano. Baseado numa série de sonhos de Luis Buñuel e Salvador Dalí, UN CHIEN ANDALOU (a apresentar em cópia digital) é um violento e extraordinário filme surrealista – “um apaixonado apelo ao homicídio”, segundo os seus autores –, um dos filmes vanguardistas mais famosos de sempre.



UN CHIEN ANDALOU

REVOLUÇÃO

É lícito defender que o aparecimento do cinema e a sua rápida expansão nas primeiras décadas do século XX constituíram uma revolução, social e cultural, potenciadora ou catalisadora de muitas outras pequenas ou grandes revoluções sociais e culturais. Não é que esse efeito revolucionário do cinema esteja completamente ausente deste Ciclo, mas o foco é outro: aparecido no final do século XIX, o cinema veio a tempo de documentar, refletir, e nalguns casos servir, integrar, as grandes revoluções políticas do século XX. E no mundo inteiro, sem exagero. Aquela que foi certamente a primeira grande articulação destes termos, cinema e revolução, disparou em 1917, meras duas décadas depois das primeiras sessões públicas com que os irmãos Lumière apresentaram ao mundo o seu invento. Mais do que só isso, a revolução soviética foi a primeira grande articulação explícita entre o cinema e a política, a primeira grande reivindicação do cinema por parte da política. “O cinema é, para nós, a mais importante das artes”, segundo a famosíssima frase de Lenine, e o cinema soviético, sobretudo nos anos imediatamente subsequentes a 1917, foi de facto a primeira grande experiência, concertada e premeditada, de constituição do cinema em arte revolucionária, em arte ao serviço de uma revolução política.

Era fundamental começar por aí, começar pelo OUTUBRO de Eisenstein, narrativa das origens revolucionárias, construção da sua mitologia. Tão grande foi o poder desta conceção do cinema que meio século depois ainda eram os seus intérpretes e principais vultos aqueles que inspiravam outras experiências concertadas e premeditadas de conjugar o cinema com uma prática revolucionária – como sucedeu em França com o Grupo Dziga Vertov, animado por, entre outros, Jean-Luc Godard e Jean-Pierre Gorin.

Mas o que se segue a isso, no Ciclo que apresentamos, não é um fluxo didático através de revoluções do século XX, com todas as paragens bem identificadas. Interessa mostrar algumas das mil abordagens históricas da temática revolucionária – que incluem a reconstituição de momentos mais remotos, como a Revolução francesa nos ORPHANS OF THE STORM de Griffith, ou reflexões muito em cima dos acontecimentos, como no caso de VIDEOGRAMME EINER REVOLUTION, de 1992, onde Farocki e Ujica analisam a revolução romena de 1989 – para constatar como também aqui o laço entre o cinema e a História é inevitável e inquebrável. Mas interessa, mais ainda, confundir a cronologia, confundir a história, confundir a geografia, fazer suceder os filmes num grande “banho” revolucionário, onde de repente um filme sobre a revolução mexicana (como o VIVA ZAPATA! de Kazan) pode estar a dialogar com um filme sobre as revoltas anti-coloniais em África (como o SAMBIZANGA de Sarah Maldoror), um filme sobre a revolução americana (como o AMERICA de Griffith) a dialogar com filmes de outras revoluções americanas do século XX (como as filmaram e integraram Robert Kramer, Charles Burnett, Emile de Antonio), filmes sobre revoluções políticas a dialogar com o carácter intrinsecamente político de revoluções sociais e de costumes (Jack Smith, Lizzie Borden). O cinema como espectador da revolução, o cinema como veículo de um sentimento revolucionário, o cinema como agente da revolução, o cinema como consciência (frequentemente crítica) da revolução. Este é o vasto percurso para que convidamos o público da Cinemateca.



BRONENOSETS POTIOMKINE



OKTIABR



I AM NOT YOUR NEGRO

► Quarta-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

de João César Monteiro

Portugal, 1975 - 66 min | M/12

Manifestações operárias contra a presença de Portugal na NATO junto às águas do Tejo cruzam-se com cenas de NOSFERATU, o vampiro de Murnau, que desembarca ameaçadoramente. A realidade política portuguesa é ainda confrontada com uma marginalidade que desafia a moral conservadora. Com a forte marca de autor que ao quarto filme já se lhe reconhecia, QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? alimentou discussões e polémicas na altura da sua estreia, nomeadamente através de um aceso debate televisivo cujas querelas se prolongariam nas páginas dos jornais.

► Terça-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

OKTIABR

Outubro

de Sergei Eisenstein

com Vassili Nikandrov, Nikolai Boris Lianov

URSS, 1927 - 100 min / mudo, intertítulos em russo traduzidos portugueses | M/12

Realizado dois anos depois de O COURAÇADO POTEMKINE, OUTUBRO foi uma encomenda oficial para o décimo aniversário da Revolução Bolchevique e marca o começo do fim do estado de graça de Eisenstein junto às autoridades soviéticas, o que prenunciava o fim do grande cinema revolucionário soviético. Substituindo a “montagem de atrações” de POTEMKINE pela “montagem intelectual”, numa tentativa de veicular ideias abstratas através de imagens, OUTUBRO é o filme mais “experimental” alguma vez feito por Eisenstein e marca o apogeu da convergência entre vanguarda formal e vanguarda política, durante o breve período em que ambas foram inseparáveis na URSS.

► Sexta-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ONE PLUS ONE

de Jean-Luc Godard

com The Rolling Stones (Mick Jagger, Keith Richards, Brian Jones, Charlie Watts, Bill Wyman, Nicky Hopkins), Anne Wiazemsky, Ian Quarrier

França, 1968 - 100 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Os Rolling Stones ensaiam *Sympathy For the Devil*. Em montagem paralela acompanhamos ações dos Black Panthers, discursos militantes e manifestações de contra-cultura. Ensaios de música e revoluções falhadas. O filme é composto por dez planos-sequência, cinco dos quais dedicados aos ensaios dos Stones. A versão a exibir, por falta de cópias disponíveis, é a conhecida como *Sympathy for the Devil*, ou a “versão de produtor”, que difere da versão autorizada por Godard pelo acrescento, no fim, de planos com a versão definitiva da canção dos Stones.

▶ Sábado [06] 17h00 | Sala Luís de Pina



LE FOND DE L'AIR EST ROUGE

de Chris Marker

França, 1977 - 240 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Pode filmar-se o “ar do tempo”? Chris Marker mergulhou nos arquivos e fez a crónica, simultaneamente épica e intimista, de dez anos (1967-1977) de contestação do sistema político-económico mundial – apropriadamente, o argumento do filme subintitula-se “cenas da terceira guerra mundial”. Uma montagem lírico-dialética da Revolução em curso, da guerra do Vietname às manifestações de estudantes, de Che Guevara aos tanques de Praga, da tortura na América latina aos bombardeamentos americanos com napalm. A história de um fracasso? “Ao longo dos últimos dez anos, um determinado número de homens e de forças (por vezes mais instintivas que organizadas) tentaram tomar em mãos os seus destinos e inverter as peças do jogo. Todos eles falharam nos terrenos que tinham escolhido. Apesar disso, a sua passagem foi aquilo que mais profundamente transformou as condições políticas do nosso tempo. Este filme não pretende senão colocar em evidência algumas etapas desta transformação.” (Chris Marker).

▶ Segunda-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Quarta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

VIVA ZAPATA!

Viva Zapata!

de Elia Kazan

com Marlon Brando, Jean Peters, Anthony Quinn, Mildred Dunnock, Joseph Wiseman

Estados Unidos, 1952 - 113 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Com argumento de John Steinbeck, VIVA ZAPATA! conta a odisseia de um camponês mexicano na revolução, desde o seu triunfo à manipulação política por oportunistas e à traição que levará ao seu assassinato. A fotografia de Joe MacDonald dá tonalidades épicas a VIVA ZAPATA!, onde Brando teve uma das suas mais carismáticas criações, que lhe valeu uma nomeação para o Oscar.

▶ Terça-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sábado [13] 19h30 | Sala Luís de Pina

MEMORIAS DEL SUBDESARROLLO

de Tomás Gutierrez Alea

com Sergio Corrieri, Daisy Granados

Cuba, 1968 - 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

No seu tempo, foi um dos mais internacionalmente famosos filmes cubanos, e bastante apreciado pelos críticos norte-americanos, apesar da declarada animosidade entre Cuba e os EUA. MEMORIAS DEL SUBDESARROLLO é uma

reflexão retrospectiva sobre os primeiros anos da revolução cubana, à procura de uma distância crítica mais do que da inflamação que se encontra, por exemplo, nos filmes de Santiago Alvarez. O filme segue o percurso de um escritor, de extração “burguesa”, que permanece em Cuba depois da revolução mesmo se toda a sua família próxima partiu para o exílio em Miami.

▶ Quinta-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

VIDEOGRAMME EINER REVOLUTION

“Videogramas de uma Revolução”

de Harun Farocki, Andrei Ujica

Alemanha, 1992 - 106 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Colaboração entre Harun Farocki e o cineasta romeno Andrei Ujica (que mais recentemente foi autor de um filme estreado em Portugal, AUTOBIOGRAFIA DE NICOLAE CEAUSESCU, com estreitas ligações a este), VIDEOGRAMME EINER REVOLUTION é um ensaio sobre a revolução romena de 1989 feito a partir da análise de imagens captadas pela televisão ou por videastas amadores (onde se contam as imagens do julgamento sumário, e posterior execução, de Ceausescu e da sua mulher Elena).

▶ Sexta-feira [19] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro



FLAMING CREATURES

de Jack Smith

com Joe Markham, Mario Montez

Estados Unidos, 1963 - 45 min

legendado eletronicamente em português | M/16

A obra mais célebre de Jack Smith, fantasia revolucionária e libertária, inspirada nos caleidoscópios de Busby Berkeley, e onde o homoerotismo é figura dominante. FLAMING CREATURES causou escândalo e foi proibido em vinte e dois estados americanos, devido aos temas da droga, da homossexualidade e do narcisismo, como reflexos subterrâneos de uma época em que tudo mudava.

▶ Segunda-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

I AM NOT YOUR NEGRO

Eu Não Sou o teu Negro

de Raoul Peck

com narração de Samuel L. Jackson

Estados Unidos, França, Suíça, 2016 - 96 min | M/12

Passagem a filme dos escritos de James Baldwin (1924-1987), um dos mais destacados intelectuais afro-americanos do século XX, que profundamente refletiu sobre as questões raciais na sociedade americana, sobre o racismo e as suas origens, históricas e psicológicas. O filme do haitiano Raoul Peck não desaproveita o poder

das palavras de Baldwin, construindo um filme que também é uma extensa recolha de imagens (de imagens cinematográficas, inclusive, porque em vários momentos o texto de Baldwin vai ao encontro delas), um documentário de montagem que é uma particularmente estimulante crónica do fortalecimento público da identidade afro-americana.

▶ Quinta-feira [25] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BRONENOSETS POTIOMKINE

O Couraçado Potemkine

de Sergei M. Eisenstein

com Aleksander Antonov, Grigori Alexandrov, Vladimir Barsky

URSS, 1925 - 74 min / mudo, com intertítulos em russo, traduzidos em português | M/12

Na primeira metade dos anos 1920, a União Soviética conheceu um extraordinário florescimento artístico, em todos os domínios, com obras duplamente de vanguarda: do ponto de vista formal e do ponto de vista político. O COURAÇADO POTEMKINE é, sem dúvida, a mais célebre destas obras. Pondo em prática as suas teorias sobre a montagem, elemento fundamental em todo o cinema de vanguarda, Eisenstein fez deste filme de encomenda sobre a Revolução de 1905 um momento absolutamente eletrizante, com a mais célebre sequência da História do cinema: o massacre na escadaria de Odessa. Na abertura da sessão, NOCTURNA de Pedro Florêncio (Portugal, 2023, 16 min - ver nota na entrada Com a Linha de Sombra, pág. 18; Pedro Florêncio apresenta a sessão).

▶ Segunda-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SAMBIZANGA

de Sarah Maldoror

com Domingos de Oliveira, Elisa Andrade, Jean M'Vondo, Adelino Nelumba, Benoît Moutsila

Angola, França, 1973 - 98 min | M/12

Adaptação de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, obra literária do poeta angolano José Luandino Vieira, SAMBIZANGA é a primeira longa-metragem conhecida de Sarah Maldoror. Se o livro se centra na figura de Domingos Xavier, operário envolvido nos movimentos de resistência anticolonial, preso e torturado até à morte em 1961 pela polícia política portuguesa, o filme é narrado do ponto de vista da sua mulher, Maria, que parte em busca do seu marido, viajando até Luanda. Como escreveu Annouchka de Andrade, filha de Maldoror e de Mário Pinto de Andrade, “SAMBIZANGA tem uma estética sensual, transmitida através de cenas do quotidiano: o casal Maria e Domingos, as longas viagens de Maria a pé por caminhos poeirentos, e a relação de Maria com o filho que carrega nas costas (...)”. A exhibir em cópia digital.



QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?



SAMBIZANGA



ONE PLUS ONE

COMUNIDADE

Someone would strike up a song, and the valley would ring with the sound of many voices – for singing is in my people as sight is in the eye. A fala do narrador de *HOW GREEN WAS MY VALLEY* (1941), em que John Ford filma uma comunidade galesa de mineiros na passagem do século XIX para o século XX vai ao coração da coisa: quando o *flashback* arranca associado à lembrança do mais novo dos seis filhos da família que habitava o verde vale desses tempos, a imagem de harmonia é clara e compõe-se em coro – alguém entoava uma canção e “o vale fazia-se ouvir com o som de muitas vozes” porque “cantar é para a minha gente o que a vista é para o olho.” Além do unísono das vozes, tônica na “minha gente”. A expressão podia estar nos diálogos de *STARS IN MY CROWN* (1950) de Jacques Tourneur, o clássico série B de Hollywood, mais subterrâneo nas premissas, que abre, neste programa, a roda da comunidade.

A História do cinema, arte de matriz coletiva e comunitária, está infundida dessa noção e dessa prática, dos primórdios em diante. O cinema clássico de Hollywood é fértil em histórias de construção e perda de comunidades, e foram as comunidades, do antes e dos pós-guerras, que o cinema foi imaginando, fixando, retratando, representando nos muitos cantos do mundo ao longo das eras que dobraram dois séculos de tradição narrativa, vanguardas, realismos, novas vagas, impulsos de ficção como do real. O imaginário *western*, fundado na exploração do território americano atravessado a cavalo, cruzado por diligências, sulcado pelos carris dos comboios, é um reflexo nítido em que irradiam *saloons*, esquadras, escolas, igrejas, tiroteios, sinos e bailes, gestos rituais. Para lá dos géneros de estúdio, transversal a cinematografias e épocas, o sentido de uma comunidade, histórias de comunidade, retratos e experiências de comunidades, encontram-se em imagens de paisagem aberta, territórios rurais ou selvas urbanas, ilhas isoladas nos oceanos, bairros ou ruas de cidades pouco ou densamente povoadas. Como se encontram, nas imagens de cinema, o deslascar que as desfaz, todos vulnerabilizando.

O que pode uma comunidade? Respondam D.W. Griffith, Allan Dwan, Raoul Walsh, Robert Flaherty, King Vidor, Manoel de Oliveira, Humphrey Jennings, Julien Duvivier, Jean Renoir, John Ford, Howard Hawks, Fritz Lang, Kenji Mizoguchi, Kinuyo Tanaka, Roberto Rossellini, Jacques Tourneur, Jean Grémillon, Anthony Mann, Jean Rouch, Richard Fleischer, Alain Resnais, Antonio Pietrangeli, António Campos, Manuel Costa e Silva, Cecília Mangini, Jean Eustache, Jonas Mekas, Artavazd Pelechian, David Lamelas, Noémia Delgado, Shinsuke Ogawa, Fernando Lopes, Abbas Kiarostami, Frederick Wiseman, José Luis Guerín, Pedro Costa, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, tantos outros. Noutra perspetiva, atentar-se-á aos coletivos de produção-realização, às comunidades artísticas, como a *Factory* de Andy Warhol ou a *Diagonale* de Paul Vecchiali ou as *Produções Ogawa* ou as cooperativas e unidades de produção portuguesas que emergiram nos revolucionários anos 1970. Pensar a comunidade no cinema, diferente de equacionar a comunidade do cinema, nos 50 anos do 25 de Abril de 1974, convoca noções com as quais a ideia gravita: identidade, participação, relação, coletivo, mas também cidadãos, minorias, margens, desfavorecidos, oprimidos. O programa *Comunidade* tomará forma ao correr dos meses em diálogo com os demais eixos da iniciativa: no mesmo movimento, em rota paralela e bifurcada, alinhar-se-ão umas dezenas de títulos que cruzam latitudes, registos, cronologias. Que contagiam e são contagiados pelos demais alinhamentos. E que projetam o que, numa definição simples, refere a qualidade do que é comum ou indica um conjunto de indivíduos unidos ou organizados de forma coletiva, seja esse traço uma história, um território, práticas, propósitos. Em tempos desagregados, em que a primeira pessoa do singular tende a sobrepor-se à do plural acusando perda de sentido, sobreleva-se o nós – o espírito do conjunto de pessoas. Em equipa.



MAN OF ARAN



STARS IN MY CROWN



L'AMOUR D'UNE FEMME

► Quarta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

STARS IN MY CROWN

de Jacques Tourneur

com Joel McCrea, Ellen Drew, Dean Stockwell, Juano Hernandez

Estados Unidos, 1950 – 89 min / legendado em português | M/12

STARS IN MY CROWN é, talvez, o mais belo e perfeito exemplo daquilo a que se chama “americana” (evocação nostálgica do passado dos EUA) no cinema. É também o mais pessoal dos filmes de Jacques Tourneur, que, para o dirigir, aceitou um salário simbólico. Foi ele quem falou de *STARS IN MY CROWN* como uma coleção de “vinhetas humanas” da vida numa pequena cidade no interior dos EUA no século XIX. O ponto de partida é a história de uma criança (Dean Stockwell, num dos seus primeiros papéis) com os pais adotivos, uma tia (Ellen Drew) casada com um pastor da igreja que em tempos fora pistoleiro (Joel McCrea), na comunidade que os adotou, onde o tranquilo deslizar do tempo é por vezes quebrado pelo drama (a tentativa de linchamento pelo KKK) e rondado pelo mal (a epidemia tifoide). Um retrato de sentimentos e emoções, mas também de dinâmica coletiva, de rara intensidade e beleza.

► Quinta-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Segunda-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MAN OF ARAN

O Homem e o Mar

de Robert J. Flaherty

com Colman “Tiger” King, Maggie Derrane, Michael Derrane, Pat Mullen

Reino Unido, 1934 – 76 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado nas ilhas de Aran, ao largo da costa ocidental da Irlanda ao cabo de uma vivência de perto de dois anos nesse lugar, o primeiro título sonoro de Flaherty é um clássico do cinema documental, representando uma comunidade extremamente isolada, exposta à severidade dos elementos, que preservava antigos costumes gaélicos. A experiência do confronto com o mar, a construção dos solos, a tradição perdida da pesca ao tubarão gigante, estruturam *MAN OF ARAN*, a partir da crónica de uma família. “Quanto à cena final do *cunragh* (a canoa) na tempestade, é um dos mais lendários troços de cinema de Flaherty. [...] É a ‘exaustão temporal’ que, ainda aqui [como nas cenas finais



OPERA!, CONTADINI



THE SUN SHINES BRIGHT

de NANOOK OF THE NORTH e MOANA], injeta no assunto a dimensão da gesta coletiva e a marca sacrificial da comunidade filmada" (José Manuel Costa). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SUN SHINES BRIGHT

O Sol Nasce para Todos

de John Ford

com Charles Winninger, Arleen Whelan, John Russell, Stepin Fetchit, Russell Simpson

Estados Unidos, 1953 – 90 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Nova versão de JUDGE PRIEST (1934), mas a personagem surge agora envelhecida e o olhar de Ford é mais sereno. Em tempo de eleições para um novo mandato como juiz, Priest ousa enfrentar as convenções sociais da sua cidade em casos polémicos como o julgamento de um negro e o enterro de uma prostituta, o que lhe pode custar a vitória. "O filme mais amado por Ford ('It's my favorite picture – I love it'). Eis um dos seus filmes mais intimistas e comoventes. Eis um filme para fordianos. Impossível gostar de Ford sem gostar deste filme. Impossível gostar deste filme sem gostar de Ford" (JBC). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DESERT PEOPLE

de David Lamelas

Estados Unidos, 1974 – 50 min

legendado eletronicamente em português | M/12

David Lamelas descreve THE DESERT PEOPLE como "um estudo sobre a produção cinematográfica americana". Um carro com um grupo de pessoas atravessa o deserto, e o que se assemelharia a um clássico *road movie* é interrompido por um conjunto de entrevistas em que os viajantes descrevem as suas experiências numa reserva índia norte-americana, e em que Manny, um membro da tribo Papago, nos fala sobre a extinção cultural do seu povo. Misturando os géneros, Lamelas confunde a fronteira entre realidade e ficção.

- ▶ Quinta-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

OPERA!, CONTADINI

"Operários-Camponeses"

de Jean-Marie Straub, Danièle Huillet

com Angela Nugara, Giacinto Di Pascoli, Gianpaolo Cassarin

Itália, 2001 – 123 min | legendado em português | M/12

Nas ruínas da Itália do pós-guerra, uma comunidade de homens e mulheres de várias gerações inventa relações de novo tipo, profissionais e pessoais, mantendo uma espécie de diário: OPERAI, CONTADINI foi a segunda incursão de Straub-Huillet na obra de Elio Vittorini, neste caso o romance *Donne di Messina*, de que são transpostos alguns trechos, sob a forma de monólogos de doze pessoas, de

frente para a câmara, evocando situações que definem as condições de vida das classes trabalhadoras. Isto dá a esses monólogos o aspecto de depoimentos, o que fez com que Straub e Huillet evocassem, a seu propósito, o desenvolvimento de um filme policial. Numa entrevista aos *Inrockuptibles*, Straub declarou que "de todos os nossos filmes, este é aquele em que a imagem é mais densa, em que as cores são realmente as cores da natureza, não um colorido inventado pela química moderna. Para o som é a mesma coisa". A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sábado [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Quarta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EN CONSTRUCCIÓN

de José Luis Guerín

Espanha, 2000 – 125 min | legendado eletronicamente em português | M/12

É dos mais conhecidos filmes de José Luis Guerín, rodado em Barcelona, a sua cidade de origem, ao longo de três anos. Guerín filmou a demolição de uma zona determinada do Barrio Chino, um bairro operário em desagregação, e a construção de um moderno complexo residencial para a nova classe média catalã. Entre o bairro que se extingue e o surgimento do novo espaço urbano, o passado reafirma incessantemente a sua presença, seja na descoberta de um antigo cemitério romano debaixo das fundações do novo edifício, seja na sabedoria popular sentida nas conversas entre vizinhos. O que é contar pouco sobre o belíssimo filme que é EN CONSTRUCCIÓN, "um filme sobre a 'requalificação urbana' como uma operação económica que relewa da engenharia social: mudar o 'rosto da cidade', mas também mudar os rostos que povoam as cidades. E é um filme sobre o apagamento da identidade, da história [...]" (Luís Miguel Oliveira).

- ▶ Terça-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Sexta-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'AMOUR D'UNE FEMME

O Amor de Uma Mulher

de Jean Grémillon

com Micheline Presle, Massimo Girotti, Gaby Morlay

França, 1953 – 103 min | legendado eletronicamente em português | M/12

A esplêndida última longa-metragem de Jean Grémillon, "o grande clássico desconhecido e secreto" do cinema francês (*Cahiers* n.º 693, 2013), que a Cinemateca revelou na retrospectiva de 2020 ("O outro gigante"), foi uma amarga experiência do ponto de vista da receção pública, comprometendo o seu trabalho futuro. Trata-se de uma história feminista *avant la lettre*, em que uma jovem médica, destacada numa pequena aldeia na Bretanha, vive uma ligação sentimental com um jovem engenheiro que equaciona a hipótese de ela abandonar o seu trabalho. L'AMOUR D'UNE FEMME é também um filme centrado no cenário da pequena ilha, batida pelas tempestades, e na comunidade isolada da sua população, sob a influência fulgurante dos elementos, central no cinema de Grémillon. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sábado [20] 16h00 | Sala Luís de Pina



BELFAST, MAINE

de Frederick Wiseman

Estados Unidos, 1999 – 245 min

legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM INTERVALO

A comunidade da beira-mar da pequena cidade do Maine, em Belfast, é retratada por Frederick Wiseman a partir das cento e dez horas de material filmado ao longo de oito semanas e montado durante vários meses. A representação da vida daquela população naquele lugar é exemplar do seu trabalho de longo curso: a observação de uma América como território cinematográfico por explorar ocupa Wiseman desde os anos 1960 (THE COOL WORLD, TITICUT FOLLIES). A sua prolixidade e a sua originalidade assentam num olhar sobre instituições públicas como a escola, a saúde, o estado social, a indústria alimentar, e micro-comunidades como uma biblioteca, um museu ou uma pequena urbe. No caso deste filme, o foco é posto no modo como a comunidade, eminentemente pobre, se relaciona com as instituições. "As cidades pequenas são muito características da vida americana. [...] Belfast é um sítio complicado e quatro horas arriscam não atingir a sua complexidade" (F. Wiseman). Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Sábado [27] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

| Cinemateca Júnior

| Sessão descontraída

ANIKI BOBÓ

de Manoel de Oliveira

com Nascimento Fernandes, Fernanda Matos,

Horácio Silva, António Santos

Portugal, 1942 – 71 min | M/6

A primeira longa-metragem de Manoel de Oliveira adapta livremente o conto de Rodrigues de Freitas, *Meninos Milionários*, propondo uma incursão poética na realidade ribeirinha pobre do Porto e de Gaia, filmada *in loco* e em estúdio (na lisboeta Tobis), e interpretada, na sua maioria, por não atores. O título invoca o jogo infantil que divide «policías» e «ladroes» na sequência noturna das brincadeiras dos miúdos, que a história agrupa à volta de Carlitos e Eduardito, rivais pela atenção de Teresinha. Há uma Loja das Tentações, onde se vende de tudo, incluindo rebuçados e uma boneca parecida com a menina. Embora o universo seja "infantil", os temas são "adultos", na primeira abordagem de Oliveira à paixão, ao desejo, ao ciúme, elementos essenciais do seu imaginário futuro, na mesma paisagem da sua obra de estreia (DOURO, FAINA FLUVIAL, 1931). O filme está programado na Cinemateca Júnior – Sábados em Família enquanto Sessão Descontraída. Na manhã do mesmo dia, uma oficina concebida e orientada por Ana Eliseu parte de um excerto do filme para questionar "O que faz uma comunidade?" (ver entrada Cinemateca Júnior).

FUTURO

// Com efeito, quem ousará negar que o futuro ainda não existe? Contudo, a espera do futuro já está no espírito". Santo Agostinho associava o futuro à esperança, nascendo a interrogação sobre se dela depende alguma forma de ação, porquanto a mudança não se faz, em segurança, nos termos de uma atitude *laissez-faire*. Se é importante a ocorrência de uma agência que propulsione a roda da fortuna num sentido, também é verdade que nem sempre esta reserva finais felizes. Olhar para o futuro como agência de mudança, mas também abertura sempre arriscada para o infortúnio (futuro vem do latim *futuru*, "que há de ser"), é uma das principais propostas deste eixo, que vê no "ainda não existe" uma possibilidade de irresistível natureza dramática. Dominar esse "ainda", tentando antecipar os seus designios, é uma das propostas contidas nas narrativas em que personagens, normalmente "em crise", decidem mudar de vida. Há recursos para que o caminho em frente se faça de maneira mais segura – e cobarde? E profana? – tais como a cartomancia ou a cabalística e há quem apenas especule: quem quero ser quando for grande? O que farei ou quem serei se...? Ler o futuro ou especular sobre os "ses" da existência são formas de entreter as possibilidades daquele e daquilo que "ainda não..."

"But we're absolute beginners / With eyes completely open / But nervous all the same", cantou David Bowie, em *Absolute Beginners*. Que decisões são essas que nos podem afetar ou deixar nervosos? A mudança de um país, de uma cidade ou um "novo começo" num emprego de sonho ou de pesadelo ou "o possível" (o primeiro dia de escola ou de trabalho *será* eternamente o primeiro dia de escola ou de trabalho). Ou a mudança futura poderá dar-se "na negativa", contrariando vícios e ódios antigos, ativamente participando num processo de reabilitação pessoal, à guisa de histórias de amor, de saúde e/ou de fé. O futuro como o luto permanente de um passado em que nos definimos sempre na ânsia de sermos alguém diferente e alguém novo. Será a novidade inteiramente possível e quanto dela se deseja imprevisível, e, enfim, grande questão *também* de cinema, quanto dessa imprevisibilidade depende o efeito, de facto, transformador do porvir?

Nesta primeira antecipação do eixo do Ciclo "Que Farei Eu com Esta Espada?" dedicado a pensar o "Futuro" apresentam-se dez títulos que procuram cobrir a diversidade de abordagens que considerámos no planeamento deste programa. Dada a especificidade imaterial do tema, concluímos que o único método suficientemente abrangente seria pensar o futuro a partir de uma lógica dispersiva cujo retrato só começa a tornar-se claro com a acumulação e o distanciamento. Através da conjugação de visões muito díspares – e até conflituais – do futuro, pretendemos compor um panorama que acomode tanto o cinema de ficção como o documental, tanto filmes de metragem curta como extremamente longa, tanto cinema de imagem real como de animação e, partindo disso, lançámo-nos em diferentes abordagens narrativas sobre aquilo que o destino nos reserva. Assim, ora enveredámos pela via da distensão das rodagens (filmes que acompanham as suas personagens ao longo de vários anos) que produz um cinema de fluxo, onde a vida (dis)corre e o futuro se vai construindo diante de nós; ora recolhemos filmes que fazem convergir, na mesma linha narrativa, diferentes temporalidades que interatuam (um entendimento estratificado do tempo em que, por vezes, há movimentações tectónicas que fendem a linearidade do *continuum* Espaço/Tempo); ora ainda os filmes que descobrem as suas personagens num momento de mudança em que a esperança serve de guia; ora, por fim, os filmes que refletem sobre a ideia de destino, isto é, que acreditam que o futuro está já traçado e que é possível aceder-lhe, nem que seja por formas ínvias e tortuosas, como o lançamento das cartas, da leitura das mãos, a análise das borras de café ou dos folhos do chá, as visões e demais soluções – com doses maiores ou menos de charlatanismo – de lidar com a incerteza do amanhã.



GADAJACE GLOWY



NIGHT TIDE



GROUNDHOG DAY

- ▶ Quinta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

UNFAITHFULLY YOURS

Odeio-te Meu Amor

de Preston Sturges

com Rex Harrison, Linda Darnell,
Rudy Vallee, Barbara Lawrence

Estados Unidos, 1948 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Uma fabulosa comédia de Preston Sturges, onde Rex Harrison, à época envolvido no escândalo da tentativa de suicídio de uma jovem atriz que por ele se apaixonara, é um famoso maestro que suspeita que a mulher lhe é infiel. Durante um concerto, vai imaginando três formas de resolver a questão, incluindo o homicídio (mórbida especulação!). A música serve de contraponto. Uma das mais brilhantes comédias de sempre, UNFAITHFULLY YOURS foi um fracasso comercial e de crítica à época da sua estreia, mas tornou-se, com o tempo, um exemplar superior do estilo "sturgesiano", sendo, como escreveu João Bénard da Costa, "uma das histórias mais bem escritas e brilhantes de Preston Sturges".

- ▶ Sexta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GROUNDHOG DAY

O Feitiço do Tempo

de Harold Ramis

com Bill Murray, Andie MacDowell, Chris Elliott

Estados Unidos, 1993 – 101 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos filmes de culto do cinema americano dos anos 90, dirigido pelo sempre discreto Harold Ramis, que foi um dos nomes mais sólidos e mais interessantes de uma "segunda linha" de Hollywood nas últimas décadas, trata-se da história de um homem que entra num "buraco temporal" e se vê condenado a viver, eternamente, o mesmo dia: faça o que fizer, volta sempre a acordar às seis da manhã daquele dia 2 de fevereiro. Divertido e melancólico, qualidades que também são idealmente encarnadas por Bill Murray, num dos seus melhores papéis.

- ▶ Sexta-feira [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

GADAJACE GLOWY

"Cabeças Falantes"

de Krzysztof Kieslowski

Polónia, 1980 – 16 min

WORLD OF TOMORROW

de Don Hertzfeldt

Estados Unidos, 2015 – 17 min

HOW DO YOU MEASURE A YEAR?

de Jay Rosenblatt

Estados Unidos, 2021 – 29 min

duração total da projeção: 62 min
legendados eletronicamente em português | M/12

O tempo, a rapina de todas as coisas, vai passando e debitando lições, e interrogações, que podemos ir passando ao próximo. Em GADAJACE GLOWY, o grande realizador polaco Krzysztof Kieslowski atravessa múltiplas gerações, de um bebé recém-nascido a uma senhora de vetusta idade, perguntando a cada concidadão "quem são?" e "o que querem da vida?". Na animação minimal

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?



do americano Don Hertzfeldt, nomeada para o Óscar de Melhor Curta de Animação, viajamos no tempo, quer dizer, projetamo-nos no futuro mais longínquo, onde incursões às profundezas do cosmos e soluções de vida eterna mediante clonagem configuram possibilidades excitantes e, ao mesmo tempo, novas formas de condenação. Com isto, a pequena e enternecedora Emily é visitada pela sua versão clonada, que a guia pelo futuro mais distante, revelando uma paisagem pouco animadora. Em HOW DO YOU MEASURE A YEAR?, Jay Rosenblatt revisita cada ano em que perguntou à filha uma série de questões no seu dia de anos, até esta perfazer 18 primaveras: "Sonhas com o quê? O que te faz medo? O que queres dizer a ti mesma quando fores mais velha? O que pensas da nossa relação?" Um filme, nomeado para o Oscar de Melhor Curta Documental, sobre o crescimento e a relação entre pai e filha. Primeiras apresentações na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LIGHT SLEEPER

Perigo Incerto

de Paul Schrader

com Willem Dafoe, Susan Sarandon, Dana Delany

Estados Unidos, 1992 – 103 min

legendado eletronicamente em português | M/16

Um dos vários filmes de Paul Schrader sobre culpa e redenção, LIGHT SLEEPER conta a história de John LeTour (Willem Dafoe) e a sua *via crucis* para abandonar de vez uma carreira no crime ligada à droga. Com fotografia de Ed Lachman, esta obra apresenta características de um *neo-noir* sobre a possibilidade/impossibilidade de regeneração moral numa Nova Iorque empestada pela adição e pela perdição, que inevitavelmente nos remete para TAXI DRIVER, filme realizado por Martin Scorsese e com argumento assinado pelo próprio Schrader. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FAMILY PLOT

Intriga em Família

de Alfred Hitchcock

com Karen Black, Bruce Dern, Barbara Harris

Estados Unidos, 1976 – 120 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O último filme de Hitchcock é uma comédia de *suspense* à volta de ladrões de joias, no qual o realizador regressa à colaboração com o argumentista Ernest Lehman, com quem não trabalhava desde NORTH BY NORTHWEST. William Devane e Karen Black formam um casal de raptos que exigem pedras preciosas como resgate, e Barbara Harris (Blanche Tyler) é uma *medium* que chega a eles quando procura descobrir o paradeiro de um familiar de uma cliente. Entre o furto e a charlatanice, Hitchcock dá-nos umas das suas mais divertidas comédias, deixando-nos na incerteza: Blanche Tyler é uma burlona ou é mesmo capaz de prever o futuro?

- ▶ Quinta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

STROSZEK

A Canção de Bruno S.

de Werner Herzog

com Bruno S., Eva Mattes, Clemens Scheitz

República Federal Alemã, 1977 – 115 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Quatro anos após KASPER HAUSER, Bruno S. volta a ser o *alter ego* de Werner Herzog numa obra sobre segundas oportunidades na terra do Tio Sam. Em Berlim, um alcoólico acabado de sair da prisão procura dar início a uma nova vida em Wisconsin. Mas o "sonho americano" vai transformar-se num "pesadelo" quando decide adquirir uma casa-roulotte e aí viver na companhia de Eva. Filme que marca a ambientação do cinema de Herzog à paisagem americana. Uma das obras-primas do seu período alemão, STROSZEK foi considerado por David Lynch o melhor filme de toda a extensa filmografia herzogiana – culpa talvez da muito discutida "cena da galinha"? Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MILYANG

"Sol Secreto"

de Lee Chang-dong

com Jeon Do-yeon, Song Kang-ho, Lee Dong-yong

Coreia do Sul, 2007 – 122 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Neste drama povoado pelas ideias de luto, graça e "recomeço", Lee Chang-dong conta a história de uma mulher, interpretada de maneira fulgurante por Jeon Do-yeon (Melhor Atriz no Festival de Cannes de 2007), que se muda com o filho pequeno para uma povoação chamada Miryang, terra natal do seu falecido marido. No lugar da felicidade desejada, que a ajude a superar a perda, esta instável professora de piano encontra tensões várias que culminarão numa tragédia sem nome. Song Kang-ho, conhecido ator sul-coreano em filmes de Bong Joon-ho, por exemplo, interpreta um mecânico desesperadamente à procura de mulher, que vê, por isso, na forasteira uma oportunidade para finalmente poder casar. Lee, também romancista e antigo ministro da Cultura e do Turismo, especializou-se em dramas de grande intensidade e complexidade emocional e moral, tendo, depois de MILYANG, realizado SHI/POESIA e BEONING/EM CHAMAS. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

KAWAITA HANA

"Flor Pálida"

de Masahiro Shinoda

com Ryô Ikebe, Mariko Kaga, Takashi Fujiki

Japão, 1964 – 96 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O filme de *yakuzas* é revisitado por Masahiro Shinoda sob a influência de *Les fleurs du mal* de Baudelaire: Muraki (Ryô Ikebe), acabado de sair da prisão, descobre que as estruturas de poder do submundo da máfia japonesa estão substancialmente diferentes. Por entre casas de jogo ilegal, ele conhece a *femme fatale* Saeko (Mariko Kaga), uma jovem aparentemente angelical que procura emoções cada vez mais fortes através de apostas avultadas e consumo de drogas. Os dois formam uma parilha autodestrutiva guiada apenas pela bússola do prazer. Que futuro é este que a liberdade lhes reserva? Shinoda trabalha magistralmente o *scope* (formato ideal para filmar casais) e com a contrastada fotografia a preto e branco de Masao Kosugi constrói algumas das mais belas composições da História do cinema. KAWAITA

HANA é o apuramento plástico e narrativo do *film noir* segundo o modelo do policial japonês dos anos 1960 e, por isso mesmo, não surpreende que seja um dos filmes preferidos de Michael Mann. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RESSOURCES HUMAINES

Recursos Humanos

de Laurent Cantet

com Jalil Lespert, Jean-Claude Vallod, Chantal Barre

França, Reino Unido, 1999 – 100 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O "primeiro dia" num novo emprego marca uma promessa de futuro. Com a sua estreia no formato da longa-metragem, Laurent Cantet (o autor de ENTRE LES MURS/A TURMA, vencedor da Palma de Ouro em Cannes), aborda as tensões entre patrões e assalariados. Um jovem gestor chega a uma fábrica onde é encarregue de racionalizar a produção, o que vai implicar o despedimento de uma série de trabalhadores, entre eles o seu próprio pai, operário há mais de 30 anos. Um filme onde a luta pelos direitos laborais se funde com os choques geracionais e o caminho imparável do liberalismo socioeconómico.

- ▶ Segunda-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

NIGHT TIDE

de Curtis Harrington

com Dennis Hopper, Linda Lawson, Gavin Muir

Estados Unidos, 1961 – 84 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Thriller psicológico fantástico sobre um marinheiro (o primeiro papel de Dennis Hopper no cinema) que se apaixona por uma mulher que trabalha com um grupo de saltimbancos, interpretando o papel de uma sereia com poderes de adivinhação. Só que Mora (Linda Lawson) é conhecida por dar azar a todos os homens com quem se envolve. O mau-olhado que sobre ela recai leva Johnny a suspeitar que, talvez, Mora não esteja simplesmente a interpretar uma sereia, mas que seja de facto um ser anfíbio habituado a matar os seus amantes nas noites de lua cheia. Um filme de culto fortemente inspirado pelo universo de Edgar Allan Poe.



ACTO DOS FEITOS DA GUINÉ

FERNANDO MATOS SILVA: O CINEMA A FAZER A REALIDADE

Fernando Matos Silva é a última das figuras seminais do Novo Cinema português a quem a Cinemateca Portuguesa ainda não tinha dedicado uma retrospectiva de autor. É também um dos cineastas essenciais para compreender o “cinema de Abril”. Que a organização desta retrospectiva, há muito adiada, coincida com o momento em que se celebram os 50 anos do 25 de Abril é um feliz acaso que só vem reafirmar a atualidade da obra do realizador.

Fernando Matos Silva era técnico de mecanografia na CUF e, porque gostava de cinema desde pequeno, inscreveu-se com o irmão (também ele realizador, João Matos Silva) no Curso de Cinema Experimental lançado por António da Cunha Telles em 1961. Esta foi a sua porta de entrada para o mundo do cinema. O produtor convidou-o a juntar-se às Produções Cunha Telles como assistente de realização de Paulo Rocha, em OS VERDES ANOS, de Fernando Lopes, em BELARMINO, e de Carlos Vilardebó, em AS ILHAS ENCANTADAS. Fernando Matos Silva tornou-se assim uma figura fundamental para compreender de que modo se deram os primeiros passos do Novo Cinema português.

Fernando Matos Silva estreia-se na longa-metragem com O MAL-AMADO, produzido na primeira leva de filmes do CPC, e filme que ficaria para a História do cinema português como o último a ser proibido pela Censura (em fevereiro de 1974) e o primeiro a estrear após o 25 de Abril (estreou a 3 de maio de 1974). Em pleno PREC, Fernando Matos Silva funda a cooperativa Cinequipa através da qual, e de forma coletiva, irá produzir e realizar dezenas de importantes documentários de intervenção: filmes sobre a luta dos trabalhadores e das trabalhadoras, sobre as ocupações de fábricas, a Reforma Agrária, as greves, o 28 de Setembro, as condições de vida, a liberdade de expressão e manifestação, o teatro revolucionário...

A partir de 1976, a obra de Fernando Matos Silva abre-se a uma reflexão sobre a Revolução, na ressaca do 25 de Novembro. Nesse momento, ainda a quente, assina alguns dos filmes mais lúcidos sobre a situação política, económica e social do Portugal de então, títulos como o panfleto CONTRA AS MULTINACIONAIS e a ficção-ensaística O MEU NOME É... Paralelamente, inicia a realização de um conjunto de filmes de pendor histórico onde as questões do passado nacional e da memória regional são reenquadradas segundo os parâmetros do novo regime democrático. Assim, surge o documentário ARGOZELO – À PROCURA DOS RESTOS DAS COMUNIDADES JUDAICAS, onde inicia um processo de escavação etno-arqueológica sobre os vestígios judaicos da região de Trás-os-Montes, em particular de Miranda do Douro, zona essa que será o cenário da ficção histórica GUERRA DO MIRANDUM, filme de época sobre a curta ocupação do território português durante a Guerra dos Sete Anos. Nestes dois filmes, o interesse historiográfico alia-se a uma reavaliação da História enquanto metáfora do presente, pelo que tanto ARGOZELO é um documentário de denúncia sobre as condições de vida e de trabalho dos mineiros, como GUERRA DO MIRANDUM é uma alegoria sobre a força do poder popular.

Mas talvez não haja outro título mais marcante na filmografia de Fernando Matos Silva – especialmente aos dias de hoje – do que ACTO DOS FEITOS DA GUINÉ, reavaliação de 500 anos do passado colonial português feito de exploração dos recursos, de escravatura e de guerra. Com este filme, o realizador constrói um extraordinário *travelling* trans-histórico que percorre uma série de figuras caricaturais do colonialismo “lusu-tropicalista”, desmontando, ponto por ponto, o argumento colonial edificado ao longo de séculos e cimentado durante o Estado Novo. Dedicado a Amílcar Cabral, este é um filme que, além de fazer um percurso crítico sobre a história portuguesa, produz igualmente um arrasador levantamento de materiais de arquivo do conflito armado entre o exército português (no qual Matos Silva lutou) e o PAIGC, incluindo também imagens da declaração da independência da Guiné-Bissau e do país já em independência. A partir do início de 1980, o realizador deixa de conseguir financiamento para os seus projetos cinematográficos e regressa ao pequeno ecrã. Aí assina alguns programas fundamentais da televisão pública dessa década, nomeadamente PARE, ESCUTE E OLHE, ENERGIA, O OUTRO LADO DA CRISE, O ROMANCEIRO, PROGRAMA DAS FESTAS e, especificamente sobre cinema, CINEMAGAZINE – do qual se apresenta uma pequeníssima seleção de quatro episódios (a série conta com mais de 300 títulos). Passarão mais de doze anos até que Fernando Matos Silva consiga regressar ao grande ecrã, e fá-lo com um belíssimo filme-resumo: AO SUL. Injustamente incompreendido, é hoje o filme que dá sentido e união à obra dispersa de Matos Silva. É o filme que tudo convoca, tanto o que está para trás (o Novo Cinema, o cinema militante, os traumas da guerra colonial) como o que estaria para a frente (a entrada na CEE, a desertificação do Alentejo, a emigração das gerações mais qualificadas).

Chegados ao século XXI, e na viragem do milénio, o realizador descobre-se enquanto documentarista vídeo e realiza LUZ SUBMERSA, sobre o drama do alagamento da Aldeia da Luz na sequência da construção da Barragem do Alqueva. Subitamente a abordagem de Fernando Matos Silva aproxima-se da novíssima geração de documentaristas que despontava nesse final da década de 1990 – ele que era, já então, um decano cineasta do Novo Cinema. Esta disponibilidade face à técnica e às possibilidades narrativas que esta potencia revelam de forma clara o posicionamento do realizador e o modo como, ao longo das décadas, sempre procurou reinventar-se.

Mais de 60 anos depois da sua estreia enquanto realizador, estamos perante uma obra que, segundo os trâmites canónicos com que se tem escrito a História do cinema, é pequena (já que assinou “apenas” cinco longas-metragens de ficção para cinema), porém, se se integrar na sua filmografia toda a produção documental e híbrida, de curta-metragem, de publicidade, e – especialmente – para televisão, descobre-se uma obra extensíssima onde se contam várias centenas de títulos. Mas mais do que uma questão de extensão, importa, isso sim, o registo do país, que só se compreende retrospectivamente e de forma panorâmica. Eis o momento certo para o fazer através deste Ciclo e do catálogo que o acompanha. Descobrir uma filmografia para conhecer mais de meio século de um país em transformação. Fernando Matos Silva irá, para além de uma conversa quase no final do programa, estar presente em muitas das sessões dos seus filmes.



O MAL-AMADO

► Quinta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MARIONETTES, INC.

de Fernando Matos Silva
com Ricardo Santos, Eva Martyn,
Jorge Guerra, Christopher Galloway

Reino Unido, 1967 – 9 min

O MAL-AMADO

de Fernando Matos Silva
com João Mota, Maria do Céu Guerra, Zita Duarte,
Fernando Gusmão, Helena Félix

Portugal, 1974 – 99 min

duração total da projeção 108 min | M/12

O MAL-AMADO ficará para sempre na História do cinema português como a última longa-metragem a ser censurada pelo Estado Novo e a primeira a ser exibida depois do 25 de Abril (estreou a 3 de maio). Um filme premonitório onde se antecipa a revolução e que foi classificado pela Censura como “iconoclasta” e “destruidor da família”. O MAL-AMADO retrata o desencanto da pequena burguesia (assombrada pela guerra colonial) e as suas oscilações ideológicas, na figura de um jovem de Campo de Ourique que procura romper com a sua classe. A abrir a sessão exhibe-se MARIONETTES, INC., o filme de escola que Fernando Matos Silva fez na London School of Film Technique. Esta é uma adaptação do conto homónimo do escritor de ficção-científica Ray Bradbury, realizado ao mesmo tempo que François Truffaut, também em Londres, adaptava o famoso romance do mesmo autor, *Fahrenheit 451*. MARIONETTES, INC. é apresentado pela primeira vez na Cinemateca.

► Sexta-feira [05] 19h30 | Sala Luís de Pina

TEJO – ROTA DO PROGRESSO

de Fernando Lopes

Portugal, 1967 – 11 min

TEJO – NA ROTA DO PROGRESSO

de Fernando Matos Silva

Portugal, 1967 – 12 min

ESTORIL – COSTA DO SOL

de Fernando Matos Silva

Portugal, 1972 – 12 min

POR UM FIO...

de Fernando Matos Silva

Portugal, 1968 – 13 min

CONTRA AS MULTINACIONAIS

de Cinequipa [Fernando Matos Silva]

Portugal, 1977 – 64 minutos

duração total da projeção: 112 min | M/12

Ao longo dos anos 1960 a subsistência da maioria dos realizadores portugueses ora se fazia pela televisão, ora se fazia pelos filmes institucionais e de publicidade. Através da Média Filmes, empresa fundada por Fernando Lopes, Alfredo Tropa e Manuel Figueira, à qual se juntaram os irmãos Matos

Silva e Alberto Seixas Santos, fizeram-se vários “filmes alimentícios” que serviram também para treinar a mão na realização. Foi aí que Fernando Matos Silva realizou os seus primeiros filmes. TEJO – NA ROTA DO PROGRESSO é um caso curioso, uma vez que a Lisnave encomendou um filme para ser exibido ora em 35mm, ora em 16mm. Dentro da Média decidiram que Lopes realizaria a versão em 35mm e Matos Silva a outra. Embora do mesmo ano e com aproximadamente a mesma duração, são dois filmes substancialmente diferentes. POR UM FIO... centra-se no trabalho da fábrica de cabos elétricos de Diogo d’Ávila em Alfragide e conta com uma lindíssima direção de fotografia de Manuel Costa e Silva e um comentário irónico escrito por Alexandre O’Neill, assinado sob o pseudónimo A. de Jazente. ESTORIL – COSTA DO SOL, por sua vez, é uma produção de Francisco de Castro para promoção do turismo nas praias ao redor de Lisboa. A sessão é seguida pela exibição de CONTRA AS MULTINACIONAIS, um documentário político realizado com o intuito de enquadrar os problemas da Applied Magnetics (fábrica americana de componentes eletrónicos que ficaria sem gestão poucos meses depois do 25 de Abril) numa realidade alargada e num discurso assumidamente anticapitalista, traduzido por uma omnipresente e panfletária voz off. TEJO – NA ROTA DO PROGRESSO (de Fernando Matos Silva) é apresentado pela primeira vez na Cinemateca e será exibido em cópia digital produzida no âmbito do projeto FILMar, com o apoio do programa EEAGrants 2020-2024.

► Segunda-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

CAMINHOS DA LIBERDADE

de Fernando Matos Silva, Melo Cardoso, Carlos Alberto Lopes, José Nascimento, João Matos Silva, Álvaro Guerra, José Corte-Real, José Luís Carvalho Sá

Portugal, 1974 – 45 min

O MEU AVÔ REPUBLICANO

de Fernando Matos Silva

Portugal, 2012 – 67 min

duração total da projeção: 112 min | M/12

CAMINHOS DA LIBERDADE é uma crónica da primeira semana pós-25 de Abril de 1974 na qual se incluem várias das mais emblemáticas sequências filmadas pelos realizadores de cinema portugueses que obedeceram ao impulso de filmar no fluxo dos acontecimentos. O filme inclui a sequência antológica da entrada na sede da PIDE captada pelo próprio Fernando Matos Silva, imagens da saída dos presos de Caxias, a chegada de Mário Soares e Álvaro Cunhal e a celebração do 1.º de Maio no Barreiro. É uma obra matriz cujas imagens foram depois reproduzidas em muitas outras. A sessão é seguida pelo mais recente filme de Fernando Matos Silva, onde o realizador investiga a história de José Rodrigues Vieira, o avô republicano que nunca chegou a conhecer mas que, de geração em geração, lhe transmitiu o espírito revolucionário. Dois filmes sobre a resistência à ditadura, a que veio de trás, pelos “velhos republicanos acossados”, e a que chegou depois, em direção à Liberdade. O MEU AVÔ REPUBLICANO é uma primeira apresentação na Cinemateca.

► Terça-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

LÚCIA E CONCEIÇÃO

de Cinequipa

Portugal, 1974 – 26 min

LIBERDADE É NOME DE MULHER

de Cinequipa

Portugal, 1974 – 45 min

duração total da projeção: 71 min | M/12

LÚCIA E CONCEIÇÃO (realização não creditada de Fernando Matos Silva para a série da RTP *Ver e Pensar*) aborda a vida de duas raparigas da aldeia da Maia, nos Açores. Um documento fascinante sobre um Portugal onde ainda não tinha chegado a revolução pois Lúcia e Conceição não leram Lenine e não defendem os ideais do PREC. São imagens produzidas para a RTP a partir de um lugar onde a televisão ainda não tinha chegado. LIBERDADE É NOME DE MULHER encontra-se no extremo oposto pela assertividade com que, no seu início, Maria Antónia Palla disserta sobre o papel das mulheres na revolução. Evocando o título de outra das famosas séries documentais que a Cinequipa produziu para a RTP neste período (*Nome-Mulher*), o seu centro são os acesos acontecimentos do 28 de Setembro. Nas imagens vemos Lisboa repleta de barricadas, reação popular às movimentações da dita “maioria silenciosa”.

► Quarta-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

O CASO SOGANTAL

de Cinequipa

Portugal, 1974 – 46 min

APPLIED MAGNETICS – O INÍCIO DE UMA LUTA

de Cinequipa

Portugal, 1974 – 50 min

duração total da projeção: 96 min | M/12

No âmbito da série *Nome-Mulher*, produzida pela Cinequipa para a RTP com orientação jornalística de Maria Antónia Palla e Antónia de Sousa, as câmaras de filmar juntam-se ao povo que luta por melhores condições de trabalho. Em especial, juntam-se às mulheres operárias que, nos meses depois do 25 de Abril, perdem os seus postos de trabalho quando os patrões estrangeiros abandonam as fábricas. Tanto as confeções Sogantal entraram em autogestão depois da fuga dos proprietários franceses, como a fábrica de equipamentos eletrónicos Applied Magnetics sofreu o mesmo desaire com o desaparecimento do administrador norte-americano. Os irmãos Fernando e João Matos Silva acompanharam os dois casos (e outros, como o da fábrica da Cinta Ideal no filme *POR UMA COROA SUECA*) através de um cinema de urgência que, no verão de 1974, saiu à rua em defesa do proletariado.



► Quinta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

ARGOZELO – À PROCURA DOS RESTOS DAS COMUNIDADES JUDAICAS

de Fernando Matos Silva

Portugal, 1977 – 104 min | M/12

Fernando Matos Silva deu-nos, em 1977, um “filme-inquérito” sobre as marcas recentes de um passado distante: a entrada de judeus em Portugal, na sequência da sua expulsão de Espanha pelos Reis Católicos, no final do século XV. Ao contrário dos documentários “estado-novistas”, ARGOZELO dá voz direta às populações filmadas, procurando reconstituir, através das suas memórias, as persistências culturais de um episódio local da diáspora judaica no mundo (“falar de Argozelo é ler as Escrituras”, diz o narrador a dado momento). O filme aborda as populações rurais, num período em que a redescoberta do mundo rural era, recorde-se, um valor em si mesmo e uma forma de militância política. Exemplo disto é o acompanhamento musical do filme, resultante das recolhas etno-musicológicas de Giacometti/Lopes Graça.

► Segunda-feira [15] 21h30

Sala M. Félix Ribeiro

CINEMAGAZINE N.º 12A, 114, 138, 300

de Fernando Matos Silva

Portugal, 1989-1995 – 104 min | M/12

Entre 1989 e 1996 a RTP exibiu semanalmente o programa *Cinemazine*, um apanhado em constante atualização do panorama cinematográfico nacional, tanto ao nível da produção como da distribuição e exibição. Assim, Fernando Matos Silva e a sua equipa visitaram dezenas de rodagens de filmes portugueses, acompanharam os grandes festivais e ciclos de cinema, entrevistaram alguns dos maiores cineastas e atores internacionais, divulgaram as estreias em sala assim como a programação da Cinemateca. De entre os mais de 300 episódios desta série apresentam-se quatro momentos

marcantes, onde se descobre Kirk Douglas no Festival de Tróia a falar sobre a *Blacklist*, Godard a promover a estreia de NOUVELLE VAGUE, o programa em homenagem a António Reis aquando da sua morte e um dos episódios dedicados ao centenário do cinema, em 1995, onde se incluem depoimentos de figuras como Bertrand Tavernier, Jonas Mekas, Otar Iosselianni, Marcello Mastroianni, Aki Kaurismäki, Krzysztof Kieslowski, Manoel de Oliveira ou Pedro Costa. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Terça-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

CASTELO VELHO, CASTELO NOVO

de Ensaio

Portugal, 1973 – 44 min

EM TERRAS DE VIMIOSO: ARGOSELO

de Ensaio

Portugal, 1973 – 45 min

duração total da projeção: 89 min | M/12

O radialista José Martins iniciou, no início dos anos 1970, o programa televisivo *Ensaio*, um magazine de caráter cultural que era exibido quinzenalmente na RTP. No final de 1971 Fernando Matos Silva entra na equipa e, paulatinamente, propõe uma série de alterações ao formato televisivo, aproximando-o da prática documental do cinema etnográfico. Assim, no final de 1972 e início de 1973 exibem-se alguns dos mais memoráveis momentos da televisão pública, documentários que o crítico Mário Castrim definiu como fundamentais para “uma antologia da televisão portuguesa”. Nesta sessão exibem-se dois episódios sobre a “província”, em particular, Trás-os-Montes e a Beira Baixa, filmes onde se propõe um retrato etnográfico dos costumes e tradições portuguesas. Está aqui, no segundo destes títulos, o germen do filme que Matos Silva realizaria depois do 25 de Abril: ARGOZELO – À PROCURA DOS RESTOS DAS COMUNIDADES JUDAICAS. Primeiras apresentações na Cinemateca. A exibir em cópias digitais provenientes do Arquivo RTP.

► Terça-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GUERRA DO MIRANDUM

de Fernando Matos Silva

com José Gomes, Fernando Filipe, Manuel Cavaco,

Maria do Céu Guerra, Teresa Madruga, Rui Furtado

Portugal, 1981 – 120 min | M/12

No dia 8 de maio de 1762 centenas de habitantes de Miranda do Douro foram massacrados na invasão espanhola ocorrida no contexto da Guerra dos Sete Anos, em que Portugal se viu envolvido mercê da aliança com Inglaterra. Evocando a invasão e a reação popular a ela, o filme aborda a guerra inconsequente (“pobres a invadir outros pobres”, como terá dito o próprio comandante invasor), e, como quase sempre no nosso cinema, usa o estatuto de “filme de época” como território para falar de um Portugal mais recente (isto é, da Reforma Agrária e da resistência dos trabalhadores). Marcaram-no ainda especialmente a referência ao dialeto mirandês, contando para isso com a colaboração, no argumento, do padre e historiador António Maria Mourinho, que aparece igualmente no filme como figura tutelar da resistência cultural mirandesa. O filme conta ainda com três canções originais – e duas delas nunca editadas em disco – de Fausto Bordalo Dias, inspiradas pelo cancionário transmontano.





AO SUL

► Quinta-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
**INSTRUÇÃO DO EXÉRCITO NA GUINÉ/
BOLAMÁ**

de Serviços Cartográficos do Exército
Portugal, 1970 – 16 min

ACTO DOS FEITOS DA GUINÉ

de Fernando Matos Silva
com José Gomes, Virgílio Massinge, Povos da Guiné-Bissau
Portugal, 1980 – 85 min
duração total da projeção: 101 min | M/12

Fernando Matos Silva foi chamado para o serviço militar no início de 1969 e, dado o seu trabalho como cineasta (assistente de realização de OS VERDES ANOS e BERLAMINO, curso de cinema em Londres, realizador de filmes institucionais) foi integrado nos Serviços Cartográficos do Exército e enviado para a então Guiné Portuguesa para produzir uma série de filmes de propaganda militar. Secretamente levou consigo várias bobinas de película e filmou uma outra Guiné, onde os vestígios do sistema escravagista se fundiam com as ruínas da Primeira República. ACTO DOS FEITOS DA GUINÉ parte desse material filmado em 1969 e 1970 e constrói um panorama histórico da colonização portuguesa da Guiné, do século XIV ao XX. Relação histórica da colonização portuguesa com a compreensão de África. Um filme que trabalha o testemunho histórico e o arquivo fílmico (apropria-se de imagens da guerra colonial captadas do “outro lado”, por equipas estrangeiras que acompanham o PAIGC), convocando a figura de Amílcar Cabral. A sessão abre com um dos filmes que Fernando Matos Silva realizou para o Exército em 1970, apresentado pela primeira vez na Cinemateca. A exibir em cópias digitais.

► Sexta-feira [19] 19h30 | Sala Luís de Pina
ALENTEJO, AS QUATRO ESTAÇÕES

de Fernando Matos Silva
Portugal, 1991 – 62 min

E NESTE NADA CABE TUDO – SOBRE JOÃO CUTILEIRO

de Fernando Matos Silva
Portugal, 1998 – 53 min
duração total da projeção: 115 min | M/12

Nesta sessão apresentam-se dois filmes em torno do Alentejo. O *Espírito do Lugar* é o título genérico de uma série proposta por Fernando Lopes para a RTP onde um conjunto de realizadores assinam diferentes documentários sobre cada uma das regiões do país (Ribatejo, Madeira, Trás-os-Montes). Fernando Matos Silva, nascido em Vila Viçosa, ficou com o Alentejo da sua infância. ALENTEJO, AS QUATRO ESTAÇÕES é um deslumbrante ensaio sobre a paisagem, assente num belíssimo texto de Baptista Bastos, dito por José Wallenstein. Também alentejano é João Cutileiro, amigo de longa data de Matos Silva. E NESTE NADA CABE TUDO é igualmente feito para a televisão (já em vídeo – e explorando as suas potencialidades plásticas) e percorre a obra do escultor com especial foco no tão famoso quanto polémico Monumento ao 25 de Abril. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Segunda-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
AO SUL

de Fernando Matos Silva
com Antonino Solmer, Miguel Guilherme, Márcia Breia, Vítor Norte, Laura Soveral, Canto e Castro
Portugal, Suíça, 1993 – 118 min | M/12

Sexta longa-metragem de Fernando Matos Silva, AO SUL revisita, direta ou indiretamente, muitos dos temas que se cruzaram antes na obra do autor, nisso incluindo as reflexões sobre o presente e a História, a emigração e a diáspora portuguesa, a memória da guerra colonial, o interior do território e o Alentejo da reforma agrária... De certa forma, AO SUL é a súpula de uma filmografia, o filme que dá sentido à obra de Fernando Matos Silva, o filme que estabelece ligações com todos os títulos precedentes, anunciando os que estariam ainda por vir. Com tudo isso em pano de fundo, conta-se agora a história do regresso de um ex-combatente da guerra colonial a Portugal depois de vários anos emigrado na Holanda que, em cenário de latifúndio alentejano, vive a encruzilhada do país na entrada para a comunidade europeia.

► Terça-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina
LUZ SUBMERSA

de Fernando Matos Silva
Portugal, 2001 – 83 min

ESTRELA DO GUADIANA

de Fernando Matos Silva
Portugal, 2009 – 53 min
duração total da projeção: 136 min | M/12

Alentejano de nascimento e crescimento, Fernando Matos Silva acompanhou de perto o drama da construção da barragem do Alqueva. Na antecâmara do alagamento da Aldeia da Luz, o realizador mudou-se, de armas e bagagens para a fatídica aldeia, onde acabou por viver um ano. LUZ SUBMERSA é um retrato das contradições do “progresso”, onde se assiste à destruição da tradição e se encena um recomeço. Feito no início dos anos 2000,

LUZ SUBMERSA marca uma renovação no trabalho do realizador que, com o vídeo, se aproxima da novíssima geração de documentaristas dessa época. Oito anos depois, já depois de concluída a obra e de alagada a paisagem, Matos Silva regressa à zona do Alqueva, focando-se agora na aldeia de Estrela do Guadiana que, com a barragem, se transformou num istmo, ligado a terra apenas por uma estreita língua de areia. Será a pesca o futuro dos lavradores? Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Quarta-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina
NÃO HÁ ROSA SEM ESPINHOS

de Fernando Matos Silva
com Carmen Santos, Sara Graça, Pêpê Rapazote
Portugal, 2010 – 21 min

O RAPAZ DO TRAPÉZIO VOADOR

de Fernando Matos Silva
com José Airosa, Anabela Teixeira, Henrique Viana, João Cabral, Susana Borges
Portugal, Espanha, 2002 – 90 min
duração total da projeção: 111 min | M/12

Um ano depois de encarar a tragédia do alagamento da Aldeia da Luz com o seu documentário LUZ SUBMERSA, Fernando Matos Silva volta a abordar a mesma questão, desta feita através da ficção, utilizando a praça central da aldeia de Estrela do Guadiana como palco para expiar todos os males. Ao contrário da Luz, que ficou debaixo das águas do Alqueva, a Estrela foi rodeada pela lagoa, transformando-se numa “ilha”. Mas, como um mal nunca vem só, o dia a dia dos habitantes desta pequena vila entalada nas montanhas, é alterado pela morte de Adriano, que se suicida no dia da festa da vila, enforcando-se na praça principal. A sessão abre com a última ficção realizada por Matos Silva, NÃO HÁ ROSA SEM ESPINHOS, protagonizada por Carmen Santos que interpreta uma florista de meia-idade que decide que não pode continuar virgem. Para resolver o seu “problema” recorre primeiro a uma médica e depois a uma sex shop. Tem a sua primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina
CARLOS PAREDES: CRÓNICA DE UM GUITARRISTA AMADOR

de Fernando Matos Silva
Portugal, 1999 – 55 min

DE NOVO O CAPITÓLIO

de Fernando Matos Silva
Portugal, 2011 – 53 min
duração da projeção 108 min | M/12

Produção da Fábrica de Imagens e da RTP, CARLOS PAREDES: CRÓNICA DE UM GUITARRISTA AMADOR traça um retrato do percurso de Carlos Paredes através de testemunhos de muitos dos seus colaboradores, admiradores e amigos. Os depoimentos cruzam-se com imagens de arquivo do próprio Carlos Paredes, fotografias, excertos de gravações de espetáculos e também do filme de Paulo Rocha OS VERDES ANOS. Já DE NOVO O CAPITÓLIO é uma encomenda da Câmara Municipal de Lisboa onde se constrói um retrato daquela sala de espetáculos, desde o seu tempo como cinema (uma sala querida para Fernando Matos Silva que



O RAPAZ DO TRAPÉZIO VOADOR

lá cresceu a ver filmes) até à sua reconfiguração em teatro (contando com o testemunho de várias figuras do cinema e do teatro, com especial destaque para Jorge Silva Melo). O filme acompanha a requalificação do edifício, que aconteceu no início da década de 2010, contando com a participação dos arquitetos responsáveis pela obra. DE NOVO O CAPÍTULO é apresentado pela primeira vez na Cinemateca.

► **Sábado [27] 19h30 | Sala Luís de Pina**

O ALTIFALANTE

de Fernando Matos Silva
com Victor Emanuel, José Airosa, Márcia Breia
Portugal, 1998-2001 – 30 min

UMA VISITA GUIADA – HENRY MOORE NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

de Fernando Matos Silva
com Lagoa Henriques
Portugal, 1983 – 40 min
duração total da projeção: 70 min | M/12

O ALTIFALANTE é o segundo episódio da série de curtas-metragens produzidas para a RTP no âmbito do projeto *Insólitos*. Baseada numa história do escritor Abel Neves, o filme é protagonizado por Victor Emanuel no papel de um padeiro que, depois de trabalhar toda a noite, não consegue dormir durante o dia porque uma carrinha

com um altifalante para insistentemente à sua janela. A sessão é seguida por um documentário raro, filmado em 16mm: uma visita guiada pelo escultor Lagoa Henriques (com quem Fernando Matos Silva havia colaborado em diversos programas televisivos) à marcante exposição de Henry Moore organizada no Museu Calouste Gulbenkian. A sofisticação e o conhecimento de Lagoa Henriques dão-se a conhecer através da obra de um dos mais importantes escultores do século XX, através de um passeio pelas galerias do museu, onde além do guia também os visitantes participam. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► **Segunda-feira [29] 18h00 | Sala Luís de Pina**

CONVERSA COM FERNANDO MATOS SILVA

Nos últimos dias do Ciclo dedicado à obra de Fernando Matos Silva e aproveitando o lançamento do catálogo *Fernando Matos Silva: O Cinema a Fazer a Realidade*, o realizador participará numa conversa sobre o seu trabalho. A conversa contará com a participação de João Lopes e será moderada pelo programador Ricardo Vieira Lisboa.

► **Terça-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

O MEU NOME É...

de Fernando Matos Silva
com Rui Mendes, Orlando Ramos,
Margarida Gouveia Fernandes
Portugal, 1978 – 124 min | M/12

O MEU NOME É... parte de um referente documental, as “filmagens das manifestações populares” que se realizavam por todo o país logo a seguir a 1974, propondo-se refletir sobre elas por meio da ficção e pela rememoração das suas personagens, que recordam a revolução e os acontecimentos subsequentes. É, por isso, um dos mais tristes retratos do 25 de Abril e dos meses que se lhe seguiram, por logo em 1977 ser já patente a desilusão de uma revolução abortada. Rui Mendes interpreta um jornalista desencantado que, juntamente com uma revolucionária esperançosa e um ex-presos político se vingam de um “pide” assassino. Paralelamente decorre a campanha para as Presidenciais de 1976 e o grupo, responsável pela realização do filme da campanha de Otelo Saraiva de Carvalho, interroga-se sobre o radicalismo da ação e o alcance de um cinema de intervenção, mas também o poder da imagem e a ordem imposta pelo discurso de propaganda. O MEU NOME É... termina significativamente com *Grândola* na mesa de montagem.

CARTA BRANCA A FERNANDO MATOS SILVA

► **Quinta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

HOJE ESTREIA

de Fernando Lopes
Portugal, 1967 – 8 min

HELLO JIM!

de Augusto Cabrita
Portugal, 1970 – 13 min

BELARMINO

de Fernando Lopes
Portugal, 1964 – 72 min
duração total da projeção: 93 min | M/12

BELARMINO é um dos filmes chave do Novo Cinema Português. Fernando Lopes, com a câmara de Augusto Cabrita e a assistência de realização de Fernando Matos Silva, capta uma Lisboa noturna e marginal como até então ninguém a tinha filmado. Utilizando métodos semelhantes aos do cinema direto, o filme segue Belarmino Fragoso, um pugilista, e através dele mostra os sinais de uma cidade (e de um país) à beira do sufoco. Antes exibem-se duas curtas-metragens: HOJE ESTREIA que acompanha a reconstrução do Cinema Condes, depois do incêndio de 1967; e o primeiro filme realizado a solo por Augusto Cabrita, HELLO JIM!, que surgiu com o intuito de promover a indústria turística, uma encomenda que o realizador desmonta a partir de dentro. HELLO JIM! é exibido em cópia digital produzida no âmbito do projeto FILMar, com o apoio do programa EEAGrants 2020-2024.

► **Sexta-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

SALTIMBANCOS

de Manuel Guimarães
com Maria Olguim, Helga Liné, Artur Semedo
Portugal, 1951 – 92 min | M/12

Primeira longa-metragem de Manuel Guimarães, SALTIMBANCOS marcou a diferença no cinema português do começo da década de cinquenta relativamente às comédias “à portuguesa” que então se faziam. Depois de ser assistente de Manoel de Oliveira em ANIKI BÓBÓ, Guimarães lança-se na realização, aproximando-se dos modelos do neorealismo italiano, numa história adaptada do romance *O Circo*, de Leão Penedo, sobre a vida e a morte de uma companhia de saltimbancos. Manuel Guimarães foi um dos cineastas mais maltratados pelo Estado Novo e encontraria, anos depois, acolhimento junto da geração do Novo Cinema, regressando à realização com O CRIME DA ALDEIA VELHA, produzido por António da Cunha Telles.

► **Sábado [06] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quinta-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

MARIONETTES, INC.

de Fernando Matos Silva
com Ricardo Santos, Eva Martyn, Jorge Guerra
Reino Unido, 1967 – 9 min

FAHRENHEIT 451

Grau de Destruição
de François Truffaut
com Julie Christie, Oskar Werner, Cyril Cusack
Reino Unido, 1966 – 113 min / legendado em português | M/12
duração total da projeção: 122 min | M/12

Único filme de Truffaut falado em inglês e por isso mesmo o objeto mais isolado no interior da sua obra. Num inquietante futuro próximo, dominado pelo audiovisual (as paredes são gigantescos ecrãs de televisão), a leitura tornou-se um ato subversivo e os livros são condenados ao fogo. Fahrenheit 451 é a temperatura a que arde um livro e o protagonista desta adaptação de um romance de Ray Bradbury faz parte da brigada de destruição. Mas uma mulher convence-o a desobedecer à lei e ele torna-se um leitor. A abrir a sessão exhibe-se MARIONETTES, INC., o filme de escola que Fernando Matos Silva fez na London School of Film Technique. Esta é também uma adaptação de Ray Bradbury, realizada ao mesmo tempo que François Truffaut filmava FAHRENHEIT 451.

► **Terça-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

DOM ROBERTO

de Ernesto de Sousa
com Raul Solnado, Glicínia Quartin
Portugal, 1962 – 102 min | M/12

DOM ROBERTO representou uma inédita experiência cinematográfica em Portugal, tendo sido produzido em regime de “cooperativa de espectadores”. É a história, de características chaplinescas, em que um bonecreiro e uma pobre rapariga procuram sobreviver mantendo a esperança face à adversidade. Um título imprescindível para evocar as origens do Cinema Novo, que provocou uma revolução no modo de fazer cinema em Portugal e que foi premiado no Festival de Cannes.

► **Quarta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

ANTES A SORTE QUE TAL MORTE

de João Matos Silva
com Rui Mendes, Manuel Cavaco, Maria Emília Correia,
Lia Gama, Luís Lucas
Portugal, 1981 – 90 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JOÃO MATOS SILVA

Os irmãos Matos Silva aproximaram-se do cinema através

do Curso de Cinema Experimental coordenado por António da Cunha Telles em 1961. A partir daí, Cunha Telles chamou-os para diferentes cargos nos filmes do Novo Cinema. João Matos Silva trabalhou em vários filmes, em particular foi assistente de realização em UMA ABELHA NA CHUVA. João Matos Silva realizou várias dezenas de documentários para a RTP e algumas curtas através da Cinequipa, mas apenas assinou uma longa-metragem de ficção, ANTES A SORTE QUE TAL MORTE. Filmado entre 1975 e 1978 (mas só estreado em 1981), o filme constrói-se enquanto sátira romântica onde um triângulo amoroso põe em marcha a revolução através de quadros históricos e da revista à portuguesa, integrando imagens do 1.º de Maio de 1974 e do 11 de Março e do 25 de Novembro de 1975. O filme foi exibido na Cinemateca apenas uma vez, em 1984.

► **Quinta-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

MUDAR DE VIDA

de Paulo Rocha
com Geraldo Del Rey, Maria Barroso, Isabel Ruth
Portugal, 1966 – 93 min | M/12

MUDAR DE VIDA é a segunda longa-metragem de Paulo Rocha, filme onde ecoa em surdina a guerra colonial através da história de um homem que regressa ao país e se reencontra com a sua aldeia natal, por onde passam sinais de um desejo de mudança (de vida, de cinema). Depois de OS VERDES ANOS, novo fortíssimo retrato de um país e de um tempo onde já se anuncia a viragem nipónica de Paulo Rocha nos nevoeiros cinzentos do Furadouro. Fernando Matos Silva assumiu a direção de produção do filme.

► **Sábado [13] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

IVAN GROZNY I & II

Ivan, o Terrível 1ª e 2ª parte
de Sergei M. Eisenstein
com Nikolai Tcherkassov, Serafina Birman,
Ludmilla Tselikovskaya
URSS, 1943-45 – 183 min / legendado em português | M/12

ENTRE AS DUAS PARTES HÁ UM INTERVALO DE 20 MINUTOS

O último filme de Eisenstein é uma das obras-primas absolutas de toda a História do cinema. Dividido em duas partes, o filme descreve o itinerário do czar, que vai da pureza adolescente até à mais absoluta tirania. A profundidade de foco, o uso das sombras e das luzes, a fusão entre a música de Prokofiev e os diálogos, criam um filme de indescritível beleza, que também é uma reflexão política. Proibida por ordem pessoal de Estaline, que bem percebeu a analogia entre o czar e a sua pessoa, a segunda parte do filme só foi mostrada em público em 1958, dez anos depois da morte do realizador.

► Segunda-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

TEATRO EM BORBA

de Cinequipa
Portugal, 1975 – 24 min

A MOURA ENCANTADA

de Manuel Costa e Silva
com Luís Varela, Teresa Goucho, Artur Semedo,
Maria do Céu Guerra, Adelaide João

Portugal, 1985 – 80 min
duração total da projeção: 104 min | M/12

Dois filmes realizados por Manuel Costa e Silva (o primeiro deles não creditado), importante diretor de fotografia do Novo Cinema Português e colaborador habitual de Fernando Lopes e Fernando Matos Silva (fotografou O MAL-AMADO). Em TEATRO EM BORBA, os alunos da Escola D. Maria I levam à cena um espetáculo baseado no passado recente (o 25 de Abril e o PREC) e na sua experiência local e nacional. Já A MOURA ENCANTADA encontra o seu ponto de partida na subsistência contemporânea de festas e tradições pagãs milenares. Com um guião baseado em prosas e poesias árabes dos séculos XI, XII e XIII, A MOURA ENCANTADA pretendia, para Costa e Silva, “recuperar os traços de toda uma cultura”.

► Quinta-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

KING & COUNTRY

de Joseph Losey
com Dirk Bogarde, Tom Courtenay, Leo McKern
Reino Unido, 1964 – 88 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado numa história verídica sucedida durante a I Grande Guerra, o filme põe Bogarde na pele do advogado de defesa de um soldado britânico acusado de deserção. Crítica das instituições militares, libelo anti-militarista e pró-pacifista, foi um filme polémico em vários quadrantes (em Portugal, por exemplo, nem sequer estreou) e é um dos mais poderosos filmes de Losey. Fernando Matos Silva viu o filme em Londres e não pôde deixar de encontrar nele um reflexo da guerra colonial que então se travava na dita “África portuguesa”.

► Sábado [20] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [31] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SHADOWS

Sombras
de John Cassavetes
com Hugh Hurd, Lelia Goldoni, Ben Carruthers
Estados Unidos, 1960 – 85 min / legendado em português | M/12

SHADOWS foi a primeira longa-metragem de John Cassavetes, e para muitos o começo da obra do cineasta confunde-se com o nascimento do novo cinema independente americano. SHADOWS seria, assim, o seu manifesto. Nesta sua estreia, Cassavetes utilizou técnicas do “cinema direto” e inaugurou um modo de trabalhar com os atores (onde a improvisação é um dado importante) que se tornou porventura na sua mais legítima marca distintiva.

► Sábado [27] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [31] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MY DARLING CLEMENTINE

A Paixão dos Fortes
de John Ford
com Henry Fonda, Víctor Mature, Walter Brennan
Estados Unidos, 1946 – 95 min
legendado eletronicamente em português | M/12

MY DARLING CLEMENTINE é um dos mais belos westerns de Ford, um momento alto do mito do Oeste americano e um expoente do classicismo de Hollywood. É o filme do duelo de OK Corral entre os Earp, com Doc Holiday, e os Clanton. Aquele que tem Walter Brennan num dos seus papéis mais brutais. Aquele que traz o cheiro das flores do deserto e que tem a mais bela dança da História do cinema. Aquele que se baseia na história que o próprio Wyatt Earp terá contado a John Ford nos idos anos 1920. É, também, um dos westerns de Ford que mais inspirou outros realizadores, nomeadamente, Sam Peckinpah, Akira Kurosawa e Michael Mann.

CINEMA CEM ANOS DE JUVENTUDE

EM COLABORAÇÃO COM OS FILHOS DE LUMIÈRE – ASSOCIAÇÃO CULTURAL

○ Cinema Cem Anos de Juventude (CCAJ) é um programa pedagógico de iniciação ao cinema no meio escolar que se realiza ao longo do ano letivo, sendo coordenado a nível nacional pela associação Os Filhos de Lumière (desde o ano letivo 2006-2007) e tendo a Cinemateca Portuguesa como parceira nacional principal, sendo que internacionalmente estão envolvidos parceiros como o Cinéma cent ans de jeunesse!, o Documentaire sur grand écran, o Ciné 104 em Pantin e o DFF (Deutsche Film Institut & Film Museum). O programa envolve atualmente muitas outras entidades que promovem oficinas em 15 países (sobretudo na Europa, mas também noutras partes do mundo). A sua metodologia alia a descoberta do património cinematográfico à experiência prática de realização de peças cinematográficas que os próprios alunos desenvolvem com o apoio de cineastas e profissionais de cinema e em colaboração com os professores participantes, a partir de uma mesma questão de cinema. Em 2022-23 a questão partiu do tema “Centrado/Descentrado”.

Os filmes e excertos de filmes que os participantes analisaram durante as sessões foram pensados pela equipa pedagógica que coordena o projeto em geral (dirigida por Alain Bergala e Nathalie Bourgeois) e pelos parceiros coordenadores em cada país envolvido. Foram escolhidos excertos de diferentes épocas e países, que alunos, professores e cineastas foram analisando em conjunto, para pensar os temas do ano em trabalho e descobrir a diversidade e a matéria cinematográfica que foi sendo explorada neste intercâmbio.

Ao longo do ano são realizados com todos os parceiros das escolas portuguesas participantes, quatro encontros em Portugal e três encontros em Paris (em 2023 também em Wiesbaden, Alemanha) com participantes dos 15 países envolvidos. Foram lançadas assim as pistas pedagógicas para o

desenvolvimento do trabalho ao longo do ano em cada escola e as regras do jogo comuns a todos num primeiro encontro. No segundo encontro foram mostrados e analisados os exercícios realizados em cada escola e país, propostos pelas regras do jogo e no final do ano foram apresentados os filmes-ensaio e feito um balanço anual. São os filmes-ensaio do ano anterior feitos pelos alunos portugueses que vão ser apresentados nesta sessão com a presença de grande parte dos seus autores e realizadores juntamente com alguns filmes de outros países participantes no projeto (a saber, França e Japão).

► Quarta-feira [10] 14h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FILMES-ENSAIO: CENTRADO/DESCENTRADO

vários realizadores
Portugal, França, Japão, 2022-2023
duração total da sessão: 240 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA E SEGUIDA DE DEBATE

ENTRADA LIVRE, MEDIANTE LEVANTAMENTO DE BILHETE TRINTA MINUTOS ANTES DO INÍCIO DA SESSÃO

A sessão de hoje conta com a presença dos alunos de todas as nove escolas participantes no projeto (de Lisboa, Sintra, Évora, Serpa e Mértola), que irão falar sobre o processo de construção dos seus filmes, os quais foram desenvolvidos a partir do mote “Centrado/Descentrado”: “No momento da escrita do argumento, depois em cada cena, e depois em cada plano, o/a cineasta deve tomar decisões sobre esta questão essencial da criação do cinema: “centrar/descentrar”. Em cada uma das etapas da criação de um filme, o/a cineasta pode optar por determinar prudentemente o centro lógico e esperado pelo espectador. Mas ele não tem nenhuma obrigação de centrar mecanicamente as suas cenas e os seus planos nessa conformidade esperada e confortável para o espectador. Criar é muito pelo contrário desfazer essa lógica evidente por um descentramento que altere a percepção da história, da sequência, do plano. E isso a todos os níveis” (excerto do texto de Alain Bergala que lançou a questão de cinema a trabalhar ao longo do ano).

PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA



○ Prémio Bárbara Virgínia, criado pela Academia Portuguesa de Cinema para “distinguir uma mulher portuguesa que se destaque na sétima arte”, anteriormente atribuído a Leonor Silveira, Laura Soveral, Teresa Ferreira, Júlia Buisel, Solveig Nordlund e Maria Gonzaga, é atribuído na edição de 2023 à atriz Carmen Santos. A distinção é entregue a Carmen Santos numa sessão em que será exibido o filme QUINZE PONTOS NA ALMA, onde tem uma das suas mais importantes participações como atriz secundária, antecedido de uma curta montagem de imagens sobre o trabalho de Carmen Santos em mais de uma centena de produções de cinema e televisão desde meados dos anos 1960.

► Sexta-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

QUINZE PONTOS NA ALMA

de Vicente Alves do Ó
com Rita Loureiro, João Reis, Marcello Urgeghe,
Ivo Canelas, Dalila Carmo, Carmen Santos
Portugal, 2011 – 92 min | M/12

COM A PRESENÇA DE CARMEN SANTOS

QUINZE PONTOS NA ALMA segue a história de uma mulher da alta burguesia lisboeta, Simone (interpretada por Rita Loureiro), “que tem tudo para ser feliz”, mas que decide mudar o rumo da sua vida em certa noite. Pleno de ecos e ressonâncias cinéfilas (do *film noir*, a Hitchcock e a Almodóvar), foi a primeira longa-metragem de Vicente Alves do Ó como realizador.



EU ESTOU AQUI



NOCTURNA



ANTE-ESTREIAS

Uma sessão que reúne quatro curtas-metragens e outra que apresenta um documentário sobre boxe tailandês preenchem a rubrica de ante-estreias em janeiro.

► Sábado [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GLORY DAYS

de Constantino Martins

Portugal, 2023 – 60 min | M/12

COM A PRESENÇA DO REALIZADOR

Um documentário sobre os primórdios do Muay Thai (o chamado boxe tailandês) em Portugal, que nos transporta para o contexto lisboeta da década de 90. GLORY DAYS apresenta aqueles que foram os elementos centrais da história desta primeira fase do desporto em Portugal, os seus lutadores mais importantes bem como o treinador por detrás do seu trabalho através da partilha de memórias na primeira pessoa.

► Quarta-feira [24] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EU ESTOU AQUI

de Bárbara Henriques e Jorge de Carvalho

Portugal, 2022 – 25 min

DESTINO HORIZONTE

de Henrique Barroso

com Valgo Wong, Alice Ruiz, Tiago Mateus, Catarina Van Es

Portugal, 2023 – 27 min

EDMUNDO

de William Vitória

com Rafael Ferreira, Bruno Madeira,

Diva O'Branco, João Pedreiro

Portugal, Canadá, 2022 – 29 min

PONTO FINAL

de Miguel Lopez Beraza

Portugal, 2022 – 23 min

duração total da projeção: 104 min | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

EU ESTOU AQUI é um documentário sobre o universo das casas de banho públicas femininas, espaço em que as mulheres se podem sentir livres para comunicarem sem filtros através de inscrições deixadas em paredes e portas. Em DESTINO HORIZONTE seguimos um refugiado que, após ter sobrevivido a um naufrágio, tenta enfrentar os desafios de uma sociedade que o encara como uma ameaça; nesta luta pela sobrevivência, a sua jornada revelará a delicada fronteira da existência humana, propondo uma lição de humanidade. EDMUNDO conta a história de um rapaz que, após ter saído da sua terra natal para estudar, é obrigado agora a regressar a casa dos pais, reencontrando os amigos de infância que tinha deixado para trás e, com eles, segredos antigos que terá de enfrentar. Por fim, PONTO FINAL é também uma história sobre o regresso à casa dos pais, e sobre as dificuldades de comunicação nas relações interpessoais. Um jogo entre o documentário e a auto-ficção em que os pais do realizador se tornam estrelas de cinema servirá como pretexto para um diálogo sobre o cancro e o medo da perda.

COM A LINHA DE SOMBRA

Nesta rubrica regular feita em colaboração com a livraria Linha de Sombra, assinalamos este mês dois lançamentos de livros através de duas sessões de cinema. No dia 17, propomos a exibição de FRAME [scapes] de Catarina Patrício, Manuel Bogalheiro, José Bragança de Miranda, Júlio Alves, Hugo Barata, Luís Alegre e Luís Mendonça a complementar a apresentação do livro com o mesmo título e dos mesmos autores. Na segunda sessão de janeiro desta rubrica exibimos NOCTURNA de Pedro Florêncio antecedido da apresentação da edição da peça *Poema* de Tomás Maia.

► Quarta-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

FRAME [scapes]

de Catarina Patrício, Manuel Bogalheiro,
José Bragança de Miranda, Júlio Alves, Hugo Barata,
Luís Alegre, Luís Mendonça

Portugal, 2023 – 49 min | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

“FRAME [scapes] é um estudo filmográfico/ensaístico sobre a implicação emocional e a sensação de presença mediada pela técnica”. Um projeto composto por sete pequenos filmes, em que cada um dos autores procura

explorar a forma como os espaços e os lugares podem ser experienciados a partir das lentes de uma câmara. O objetivo é “criar um conjunto de configurações para teorizar as inter-relações entre o filme/vídeo, espaço urbano, arquivo, geografia, cartografia, atlas, etc.”

► Quinta-feira [25] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NOCTURNA

de Pedro Florêncio

Portugal, 2023 – 16 min | M/12

COM A PRESENÇA DE PEDRO FLORÊNCIO

Estreado na mais recente edição do Doclisboa, NOCTURNA é a adaptação cinematográfica da peça *Poema* de Tomás Maia. Uma *poiesis* audiovisual “apresentada num duplo movimento, de fluxo e de refluxo, descendente e ascendente, numa velada revisitação do mito de Orfeu, mas retirando ao mito a figura masculina (e, portanto, qualquer heroísmo) e transformando Eurídice na própria poesia que, diferentemente dos mortos, se eleva acima do mundo subterrâneo” (da sinopse original da peça). Um filme sobre a morte, a vida e a arte. A sessão prossegue com BRONENOSETS POTIOMKINE de Sergei M. Eisenstein (URSS, 1925, 74 min – nota na entrada Que Farei Eu com Esta Espada, pág. 06).

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável” (João Bénard da Costa)

► Sábado [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

IL BACIO DI TOSCA

“O Beijo de Tosca”

de Daniel Schmid

com Sara Scuderi, Leonida Bellon, Giuletta Simionato

Suíça, 1984 – 87 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ao morrer quase nonagenário, rico e sem herdeiros, em 1901, Giuseppe Verdi deixou parte da sua fortuna e todos os direitos de autor para a construção e a manutenção de um lar para antigos cantores, a Casa Verdi, em Milão. Este lar e os seus habitantes são o objeto deste filme de Daniel Schmid, um documentário com momentos altamente teatrais. Uma admirável homenagem à ópera, num filme ao mesmo tempo corrosivo e comovente.

03 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

AS ARMAS E O POVO
de colectivo de Trabalhadores da Actividade
Cinematográfica

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
de João César Monteiro

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

OKTIABR
Outubro
de Sergei M. Eisenstein

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

STARS IN MY CROWN
de Jacques Tourneur

04 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

UNFAITHFULLY YOURS
de Preston Sturges

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

MARIONETTES, INC.
O MAL-AMADO
de Fernando Matos Silva

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

MAN OF ARAN
de Robert J. Flaherty

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

HOJE ESTREIA
de Fernando Lopes
HELLO JIM!
de Augusto Cabrita
BELARMINO
de Fernando Lopes

05 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

SALTIMBANCOS
de Manuel Guimarães

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

THE FATAL GLASS OF BEER
de Clyde Bruckman
BOUDU SAUVÉ DES EAUX
de Jean Renoir

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

TEJO – ROTA DO PROGRESSO
de Fernando Lopes

TEJO – NA ROTA DO PROGRESSO
de Fernando Matos Silva

ESTORIL – COSTA DO SOL
de Fernando Matos Silva

CONTRA AS MULTINACIONAIS
de Cinequipa

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ONE PLUS ONE
de Jean-Luc Godard

06 SÁBADO

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM
FAMÍLIA

LE PETIT NICOLAS
de Laurent Tirard

17H00 | SALA LUIS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?



LE FOND DE L'AIR EST ROUGE
de Chris Marker

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

MARIONETTES, INC.
de Fernando Matos Silva
FAHRENHEIT 451
de François Truffaut

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

UN CONDAMNÉ À MORT S'EST ECHAPPÉ
de Robert Bresson

08 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

VIVA ZAPATA!
de Elia Kazan

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

THE SUN SHINES BRIGHT
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

CAMINHOS DA LIBERDADE
de vários realizadores
O MEU AVÔ REPUBLICANO
de Fernando Matos Silva

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

LE TROU
de Jacques Becker

09 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

DOM ROBERTO
de Ernesto de Sousa

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

THE DESERT PEOPLE
de David Lamelas

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

LÚCIA E CONCEIÇÃO
LIBERDADE É NOME DE MULHER
de Cinequipa

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

MEMORIAS DEL SUBDESARROLLO
de Tomás Gutierrez Alea

10 QUARTA-FEIRA

14H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA CEM ANOS DE JUVENTUDE



FILMES-ENSAIO: CENTRADO/DESCENTRADO
de vários realizadores

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

UNFAITHFULLY YOURS
de Preston Sturges

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

O CASO SOGANTAL
APPLIED MAGNETICS – O INÍCIO DE UMA LUTA
de Cinequipa

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

ANTES A SORTE QUE TAL MORTE
de João Matos Silva

11 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

MUDAR DE VIDA
de Paulo Rocha

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

UN CONDAMNÉ À MORT S'EST ECHAPPÉ
de Robert Bresson

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

ARGOZELO – À PROCURA DOS RESTOS DAS
COMUNIDADES JUDAICAS
de Fernando Matos Silva

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

OPERA!, CONTADINI
de Jean-Marie Straub, Danièle Huillet

12 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

GROUNDHOG DAY
de Harold Ramis

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

COEUR FIDÈLE
de Jean Epstein

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

GADAJACE GLOWY
"Cabeças Falantes"
de Krzysztof Kieslowski

WORLD OF TOMORROW
de Don Hertzfeldt

HOW DO YOU MEASURE A YEAR?
de Jay Rosenblatt

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

KÖRHINTA
"Carrossel"
de Zoltán Fábri

13 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM
FAMÍLIA

SEVEN CHANCES
de Buster Keaton

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

IVAN GROZNY I & II
de Sergei M. Eisenstein

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

MEMORIAS DEL SUBDESARROLLO
de Tomás Gutierrez Alea

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

EN CONSTRUCCIÓN
de José Luis Guerín

15 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

LIGHT SLEEPER
de Paul Schrader

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

FILM SOCIALISME
de Jean-Luc Godard

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

TEATRO EM BORBA
de Cinequipa
A MOURA ENCANTADA
de Manuel Costa e Silva

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

CINEMAGAZINE N.º 12A, 114, 138, 300
de Fernando Matos Silva

16 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

LE TROU
de Jacques Becker

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

L'AMOUR D'UNE FEMME
de Jean Grémillon

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

CASTELO VELHO, CASTELO NOVO
EM TERRAS DE VIMIOSO: ARGOSELO
de Ensaio

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

GUERRA DO MIRANDUM
de Fernando Matos Silva

17 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

FAMILY PLOT
de Alfred Hitchcock

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

THÈMES ET VARIATIONS
de Germaine Dulac
LA COQUILLE ET LE CLERGYMAN
de Germaine Dulac
UN CHIEN ANDALOU
de Luís Buñuel e Salvador Dalí

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA

FRAME [scapes]
de vários realizadores

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede – Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h

Sábados 14h-21h30

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

Modos de pagamento disponíveis:

Multibanco (*) – MB Way – Cartão de Crédito – Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 € (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

Pontos de venda aderentes

(consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda/>)

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ONE PLUS ONE
de Jean-Luc Godard

18 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

KING & COUNTRY
de Joseph Losey

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

STROSZEK
A Canção de Bruno S.
de Werner Herzog

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

VIDEOGRAMME EINER REVOLUTION
"Videogramas de uma Revolução"
de Harun Farocki e Andrei Ujica

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

INSTRUÇÃO DO EXÉRCITO NA GUINÉ/BOLAMA
de Serviços Cartográficos do Exército
ACTO DOS FEITOS DA GUINÉ
de Fernando Matos Silva

19 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

L'AMOUR D'UNE FEMME
de Jean Grémillon

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA

QUINZE PONTOS NA ALMA
de Vicente Alves do Ó

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

ALENTEJO, AS QUATRO ESTAÇÕES
E NESTE NADA CABE TUDO – SOBRE JOÃO CUTILEIRO
de Fernando Matos Silva

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?



FLAMING CREATURES
de Jack Smith

20 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM
FAMÍLIA

HUGO OCHT JOSEPIN
"Hugo e Josefina"
de Kjell Grede

16H00 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?



BELFAST, MAINE
de Frederick Wiseman

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

SHADOWS
de John Cassavetes

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

GLORY DAYS
de Constantino Martins

22 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

MAN OF ARAN
de Robert J. Flaherty

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

MILYANG
"Sol Secreto"
de Lee Chang-dong

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

I AM NOT YOUR NEGRO
de Raoul Peck

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

AO SUL
de Fernando Matos Silva

23 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

THE SUN SHINES BRIGHT
de John Ford

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

KAWAITA HANA
"Flor Pálida"
de Masahiro Shinoda

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

LUZ SUBMERSA
ESTRELA DO GUADIANA
de Fernando Matos Silva

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA??

GROUNDHOG DAY
de Harold Ramis

24 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

EN CONSTRUCCIÓN
de José Luis Guerín

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

VIVA ZAPATA!
Viva Zapata!
de Elia Kazan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

NÃO HÁ ROSA SEM ESPINHOS
O RAPAZ DO TRAPÉZIO VOADOR
de Fernando Matos Silva

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

EU ESTOU AQUI
de Bárbara Henriques, Jorge de Carvalho
DESTINO HORIZONTE
de Henrique Barroso
EDMUNDO
de William Vitória
PONTO FINAL
de Miguel Lopez Beraza

25 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

MARIONETTES, INC.
de Fernando Matos Silva
FAHRENHEIT 451
de François Truffaut

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
COM A LINHA DE SOMBRA

NOCTURNA
de Pedro Florêncio
BRONENOSETS POTIOMKINE
O Couraçado Potemkine
de Sergei M. Eisenstein

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

THE FATAL GLASS OF BEER
de Clyde Bruckman
BOUDU SAUVÉ DES EAUX
de Jean Renoir

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

LIGHT SLEEPER
de Paul Schrader

26 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

STROSZEK
A Canção de Bruno S.
de Werner Herzog

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

FAMILY PLOT
de Alfred Hitchcock

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

CARLOS PAREDES: CRÓNICA DE UM GUITARRISTA AMADOR
DE NOVO O CAPITÓLIO
de Fernando Matos Silva

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

RESSOURCES HUMAINES
de Laurent Cantet

27 SÁBADO

11H00 | SALA DE LEITURA DA BIBLIOTECA | OFICINA | CINEMATECA JÚNIOR
O QUE FAZ UMA COMUNIDADE?

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM
FAMÍLIA

ANIKI BÓBÓ
de Manoel de Oliveira

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

MY DARLING CLEMENTINE
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

O ALTIFALANTE
UMA VISITA GUIADA – HENRY MOORE NA FUNDAÇÃO
GULBENKIAN
de Fernando Matos Silva

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL

IL BACIO DI TOSCA
de Daniel Schmid

29 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

NIGHT TIDE
de Curtis Harrington

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

SAMBIZANGA
de Sarah Maldoror

18H00 | SALA LUÍS DE PINA | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

CONVERSA COM FERNANDO MATOS SILVA

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

MILYANG
"Sol Secreto"
de Lee Chang-dong

30 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

KÖRHINTA
"Carrossel"
de Zoltán Fábri

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

KING & COUNTRY
de Joseph Losey

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

COEUR FIDÈLE
de Jean Epstein

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
O CINEMA A FAZER A REALIDADE

O MEU NOME É...
de Fernando Matos Silva

31 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

MY DARLING CLEMENTINE
de John Ford

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FERNANDO MATOS SILVA:
CARTA BRANCA

SHADOWS
de John Cassavetes

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

NIGHT TIDE
de Curtis Harrington

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

KAWAITA HANA
"Flor Pálida"
de Masahiro Shinoda

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Sessões Cinemateca Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

Tel. 213 596 262

Venda online em cinemateca.bol.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h - 22h (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01h

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt